

LÍNGUA PORTUGUESA

JUCIMARA TARRICONE E CARLOS EMÍLIO FARACO

- 1 USOS DA LÍNGUA
- 2 DIÁLOGO ENTRE TEXTOS: UM EXERCÍCIO DE LEITURA
- 3 ENSINO DE GRAMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES
- 4 TEXTO, IMAGINÁRIO E PATRIMÔNIO CULTURAL

MÓDULO 1

USOS DA LÍNGUA

Saber usar a língua ultrapassa o domínio da eficácia comunicativa. É, sobretudo, adquirir a possibilidade de desvendar a dimensão dialógica da linguagem para poder interagir social e culturalmente.

Tempo previsto: 16 horas

Finalidades do Módulo

- Refletir sobre a importância da língua como base construtora de uma identidade sociocultural.
- Considerar a necessidade de criar situações cada vez mais eficazes para a superação dos preconceitos lingüísticos e sociais.
- Construir ou mobilizar as competências e habilidades de:
 - analisar o estudo da disciplina na perspectiva da construção da cidadania;
 - reconhecer os recursos expressivos da linguagem verbal nas várias situações de comunicação;
 - compreender, analisar e aceitar as diferenças lingüísticas como próprias de uma identidade social e de contextos de uso;
 - analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, a função, a organização e a estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores).

Conceitos

- Linguagem; língua falada; língua escrita; discurso.
- Diversidades lingüísticas e socioculturais.

Materiais necessários

- Lousa e giz.
- Caderno, lápis e caneta.
- Anexos do Módulo 1 de Língua Portuguesa.
- PCNEM.

Dinâmica de trabalho

Atividade 1

- Distribua o Anexo 1 (páginas 61-63) e diga para os professores lerem apenas o Texto 1.
- Incentive o relato de ações cotidianas que impliquem o emprego da língua e vá fazendo uma lista na lousa.
- Solicite a leitura do Texto 2 do mesmo Anexo. Sugira que procurem na lista da lousa as situações comentadas no texto e, quando for o caso, acrescente os novos itens que forem identificados.

- Diga então para lerem o Texto 3 do mesmo Anexo e coloque em discussão a seguinte afirmativa:

O indivíduo adquire essa linguagem, na sua forma oral, independentemente de freqüentar a escola. A aquisição da forma escrita dessa linguagem depende de escolarização.

Leve o grupo a analisar a atuação da escola nesse aspecto, considerando as passagens dos PCNEM transcritas nos Textos 4 e 5 do mesmo Anexo.

- Faça uma síntese dos aspectos analisados.
- Proponha a leitura do Texto 6 e, depois disso, peça para os professores explicarem por que, apesar de sua semelhança com uma receita culinária, o texto escapa da condição informativa e é identificado como literatura.

Conceitos: língua falada; língua escrita; gramática natural; automatização e estranhamento.

Competências: conceituar; identificar intenções e situações de uso.

Atividade 2

- Diga para os professores relerem o Texto 2, do Anexo 1, e proponha a questão:
Das formas escritas de comunicação listadas na lousa na atividade anterior, quais poderiam ser citadas como exemplo de 'textos do cotidiano'?
- Distribua o Anexo 2 (página 63) e peça para o grupo identificar, no índice do jornal, as seções cujos textos apresentam uma forma socialmente padronizada.
- Leve os professores a justificar as respostas e explicar como ocorre tal padronização na história do uso da língua.
- Coloque duas questões para responderem:
 - *Para o usuário da língua, qual é a importância de conhecer esses tipos de texto, no percurso de sua interação social?*
 - *O falante da língua é livre para formular esses textos da maneira que quiser, em qualquer situação de comunicação?*
- Solicite o depoimento de cada professor, respondendo:
Com quais desses tipos de texto tem trabalhado em sua aula?
- Para encerrar, discuta com o grupo uma rápida caracterização do que foi denominado 'linguagem do cotidiano', nas formas oral e escrita.

Conceitos: linguagem; língua falada; língua escrita; tipologia textual.

Competência: analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando texto e contexto de uso.

Atividade 3

- Distribua o Anexo 3 (página 64) e dê um tempo para os professores lerem o enunciado das duas tarefas.
- Proponha então uma outra tarefa:
Considerando a noção de cotidiano anteriormente analisada, o falante só goza da liberdade de empregar a linguagem do cotidiano

em uma das tarefas. Identifique a tarefa e justifique a resposta.

- Leve os professores a citar duas estratégias que poderiam empregar para capacitar o aluno a distinguir as duas situações e solucionar o problema de forma adequada.

Conceito: tipologia textual versus situação de interlocução.

Competências: distinguir contextos; adequar a linguagem ao contexto.

Atividade 4

- Distribua o Anexo 4 (páginas 64-65) para os professores lerem.
- Proponha que, a partir dos conceitos implícitos no Texto 1, analisem o tipo de linguagem utilizada no Texto 2.
- Peça então para elaborarem um exercício para trabalhar esse tipo de texto.

Atividade 5

- Converse com o grupo sobre o fato de a linguagem cotidiana propiciar a resolução de problemas práticos. Essa linguagem pode assumir muitas variantes, entre as quais a gíria.
- Em seguida, entregue-lhes cópias do Anexo 5 (páginas 65-66) e, após a leitura, deixe comentarem livremente a natureza da gíria: mecanismos de formação, eficácia, permanência no tempo e no espaço etc.
- Organize a turma em grupos de três e apresente-lhes uma tarefa. Considerando que os alunos usam muitas gírias – até mesmo em situações inadequadas –, proponha aos professores:

Com as gírias utilizadas no texto lido, ou outras expressões mais atuais, formulem um exercício para passar aos alunos, levando-os a analisar a adequação (ou inadequação) da gíria em determinados contextos – considerando espaço, tempo, interlocutores etc.

O objetivo mais importante do trabalho é enriquecer a capacidade de interlocução do aluno, preservando uma variante que ele emprega com eficiência, mas levando-o a examiná-la com olhar crítico.

- Terminada a tarefa, organize uma roda de discussão, na qual cada grupo possa expor seu trabalho e comentar os dos demais.

Conceitos: gíria; contexto.

Competências: relacionar língua e contexto; escolher uma das variantes disponibilizadas pela língua.

Atividade 6

- Distribua o Anexo 6 (páginas 66-68) para grupos de até três participantes, dizendo para lerem e comentarem o texto. Vá sintetizando e registrando no quadro as observações que julgar pertinentes à análise que será feita em seguida.
- Encaminhe uma análise das opiniões do cronista, enfatizando os aspectos relacionados abaixo.

- a. A idéia implícita na chamada da crônica, de que existe um sistema lingüístico independente do falante, é aceita hoje pelos lingüistas? Qual a posição dos PCNEM em relação a essa idéia de língua?

Como apoio, lembre aos professores este fragmento dos PCNEM:

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e 'desconstrói' significados sociais. A língua situada no emaranhado das relações humanas, nas quais o aluno está presente e mergulhado, e não a língua divorciada do contexto social vivido. Sendo ela dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar. (p. 138)

- b. No texto, Walcir Carrasco lembra que, para fugir a questionamentos sobre a norma culta, as pessoas muitas vezes dizem: "Deu pra entender, não deu?". Peça para os professores contarem como costumam lidar com essa situação, tão comum na fala de nossos alunos.
- c. Coloque em questão o segmento da crônica em que o autor diz: "É impressionante como as pessoas falam e escrevem de maneira errada". Leve os professores a localizar um equívoco no trecho. (Lembre que falar e escrever são competências diferentes.)
- Proponha que sejam identificadas as situações narradas pelo cronista em que se usa a linguagem cotidiana.
 - Para encerrar, proponha que os participantes se manifestem em relação às idéias de Walcir Carrasco, argumentando a favor delas ou contra elas. Oriente o debate, socializando as conclusões.

Conceitos: língua e contexto; língua falada e língua escrita.

Competências: identificar níveis de linguagem; analisar julgamentos; opinar.

Atividade 7

- Distribua o Anexo 7 (páginas 68-72) para leitura individual do Texto 1, que é um conto de Guimarães Rosa.
- Após a leitura, proponha aos professores que se reúnam em grupos de até quatro, com o objetivo de criar um roteiro de interpretação para o conto, seguindo as instruções do Texto 2 do mesmo Anexo.
- Enquanto os grupos trabalham, circule pela sala, solucionando dúvidas.
- Terminada a tarefa, promova a socialização dos resultados.

Conceitos: todos os que já foram trabalhados neste módulo.

Competências: relacionar textos a contextos; analisar; seqüenciar graus de dificuldade; comparar; intertextualizar.

Atividade 8

- Peça para os professores lerem os textos do Anexo 8 (páginas 73-74).

■ Apresente estes dois trechos dos PCNEM:

A língua, na sua atualização, representa e reflete a experiência em ação, as emoções, os desejos, as necessidades, a visão de mundo, os valores, os pontos de vista. (p. 143)

A escola não pode garantir o uso da linguagem fora do seu espaço, mas deve garantir tal exercício de uso amplo no seu espaço, como forma de instrumentalizar o aluno para o seu desempenho social. Armá-lo para poder competir em situação de igualdade com aqueles que julgam ter o domínio social da língua. (p. 144)

■ Para finalizar os trabalhos deste Módulo, organize uma mesa-redonda para discutir os textos, com apoio nos trechos dos PCNEM transcritos acima. Levante algumas questões para orientar o debate, como por exemplo:

- *A necessidade de importar certos termos neste momento histórico, sobretudo no campo de significados da informática.*
- *Considerando que a relação de um escritor com a língua é diversa da relação de um falante 'comum', como deve ser analisada a opinião de Suassuna?*
- *O comentário de Suassuna a respeito do plural 'gols' deságua na subjetividade, expressa pelo termo 'horroroso'. Quando estamos estudando a língua, o que pode significar o termo 'horroroso'?*

■ Durante o debate, procure identificar os professores cujo ponto de vista se solidariza com o de Ariano Suassuna e aqueles que se opõem à posição do escritor. Proponha que apresentem argumentos favoráveis ou contrários aos do texto.

Cabe à escola garantir o respeito às variantes lingüísticas, mas compete também a ela a tarefa de mostrar ao aluno que ao se "fazer compreender [...] pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal" (PCNEM, p. 144).

Glossário

chamada No jornalismo impresso, frase ou texto curto que se coloca no início da matéria, com o objetivo de atrair o leitor e remetê-lo ao texto integral.

Consulte também

NOMURA, Masa. *Linguagem funcional e literatura – presença do cotidiano no texto literário*. São Paulo, Annablume, 1993.

A obra apresenta estudos interessantes a respeito do discurso informal e da incorporação desse discurso pela literatura. Embora o estudo seja aplicado à literatura alemã, podem-se fazer extrapolações para o caso brasileiro.

PIMENTEL PINTO, Edith. *O português popular escrito*. São Paulo, Contexto, 1996.

A autora analisa o emprego da língua portuguesa em letreiros, placas, impressos volantes e cartas.

Para encerrar, recolha os Anexos.

Texto 1

A motivação pragmática

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do aqui/agora do indivíduo, e o aqui/agora constitui o foco de atenção dele dentro da realidade da vida cotidiana. Essa realidade é vivida por ele em graus variáveis de aproximação e distância, tanto temporal quanto espacialmente. A mais próxima é a zona da vida cotidiana diretamente acessível à sua manipulação corporal – o mundo ao seu alcance, o mundo em que ele atua a fim de lhe modificar a realidade, o mundo em que ele trabalha e vive; é nesse mundo que a sua consciência é dominada pela *motivação pragmática*, isto é, pelo “aglomerado de significados diretamente relacionados a ações presentes ou futuras” (P. Berger e T. Luckmann). A atenção do indivíduo a esse mundo é predominantemente determinada por aquilo que ele está fazendo, fez ou planeja fazer nele.

Masa Nomura, *Linguagem funcional e literatura*.
São Paulo, Annablume, 1993, p. 23.

Texto 2

A modalidade escrita da comunicação cotidiana

As formas escritas da comunicação cotidiana sofrem um processo de padronização, resultante do fenômeno de acumulação de tipificações dos atos verbais em situações comunicativas típicas. Entre as formas escritas com tendência para a padronização de sua estrutura textual contam-se as seguintes: cartas comerciais, receitas médicas, receitas culinárias, cardápios, bulas de remédio, instruções para uso de produtos comercializados, horóscopos, boletins meteorológicos, catálogos, anúncios e classificados, cartazes de rua, folhetos, avisos, comunicados, panfletos – enfim, toda a gama de formas escritas de comunicação com que diariamente nos defrontamos, seja através dos órgãos da mídia, seja através de manifestações textuais diretamente relacionadas com algum aspecto pragmático de nossa vida cotidiana. Essa parte da comunicação cotidiana, de difícil caracterização – uma vez que nela fluem elementos da comunicação especializada, ligada a grupos organizados privados ou a instituições públicas –, manifesta-se em exemplares de tipologias textuais, aqui denominadas *textos do cotidiano* ou *textos de uso corrente*.

Masa Nomura, *op. cit.*, p. 38.

Anexo 1

Texto 3

Essas ações, movidas por razões eminentemente pragmáticas, determinam o emprego de uma linguagem que pode ser chamada de “linguagem cotidiana”.

Idem, ibidem.

Texto 4

Bem sabemos que graves são os problemas oriundos do domínio básico e instrumental, principalmente da língua escrita, que o aluno deveria ter adquirido no Ensino Fundamental. Como resolvê-los? O diagnóstico sensato daquilo que o aluno sabe e do que não sabe deverá ser o princípio das ações, entretanto as finalidades devem visar a um saber lingüístico amplo, tendo a comunicação como base das ações. (PCNEM, 138)

Texto 5

Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa-de-força incompreensível. (PCNEM, p. 137)

Texto 6

Como armar um presépio

Pegar uma paisagem qualquer
cortar todas as árvores e transformá-las em papel de imprensa
enviar para o matadouro mais próximo todos os animais
retirar da terra o petróleo ferro urânio que possa
eventualmente conter e fabricar carros tanques aviões
mísseis nucleares cujos morticínios não de ser noticiados com destaque
despejar os detritos industriais nos rios e lagos
exterminar com herbicida ou napalm os últimos traços de vegetação
evacuar a população sobrevivente para as fábricas e cortiços da cidade
depois de reduzir assim a paisagem à medida do homem
erguer um estábulo com restos de madeira
cobri-lo de chapas enferrujadas e esperar
esperar que algum boi doente algum burro fugido
algum carneiro sem dono venha nele esconder-se
esperar que venha ajoelhar-se diante dele algum velho



pastor que ainda acredite no milagre
 esperar esperar
 quem sabe um dia não nasce ali uma criança e a vida
 recomeça?

José Paulo Paes, *Um por todos*.
 São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 41-2.

ÍNDICE

OPINIÃO	A2 e A3	Motor	D4
Erramos	A3	Painel FC	D2
Painel do Leitor	A3	ILUSTRADA.....	E1 a E10
Tend.-Debates	A3	Astrologia	E9
BRASIL	A4 a A10	Cinema	Esp.4
Painel	A4	Cruzadas	E9
MUNDO	A1 a A13	José Simão	E9
Multimídia	A12	Mônica Bergamo	E2
CIÊNCIA	A14	Quadrinhos	E9
DINHEIRO.....	81 a 812	Televisão	ES
Câmbio	R8	FOLHINHA	F1 a F8
Falências	810	Brincadeiras	F7
Mercados	B8 a B11	Esta edição tem	
Op. Econômica	B2	100 Páginas	
Painel S.A.	82	Incluem 8 de Folhinha;	
COTIDIANOC1 a C8	4 de Acontece; 32 de	
Atmosfera	C2	Classificados (não circu-	
Mortes	C4	lam no DF)	
ESPORTED1 a D6	443.246 exemplares	
José Geraldo Couto	D5		

www.folha.com.br

Anexo 3

Texto 1

Seu irmão, que mora em outro país, escreveu-lhe uma carta em que, entre outros assuntos, revela-se impressionado pela limpeza das ruas da cidade onde reside, e fez comentários desabonadores a respeito da sujeira que costumava enfrentar em São Paulo. Responda à carta e comente seu desagrado com relação ao comentário de seu irmão.

Texto 2

Uma das propostas de redação no vestibular da Unicamp, em 1998, tinha o seguinte teor:

1. Trazia a transcrição de um artigo, escrito por um empresário. Nesse artigo, intitulado “Até quando, São Paulo?”, o autor refere-se ao que ele denomina “a imundície que campeia na cidade de São Paulo”.

2. A proposta de redação foi esta:

“A partir da leitura e da sua reflexão sobre os implícitos, e imaginando que você discorda do articulista, escreva-lhe uma carta, na forma de um texto argumentativo, na qual você exponha as razões de sua discordância.”

Anexo 4

Texto 1

Linguagem funcional e literatura

[...] o mundo cotidiano e a linguagem cotidiana fornecem uma determinada matéria-prima para outros campos da cultura: para as instituições, para as ciências e as técnicas, para a literatura. Esses campos da cultura, por seu lado, fornecem de volta ao domínio da vida cotidiana conteúdos relevantes do domínio da norma – a ética, a moral, a ordem social, o direito e os costumes – de forma já elaborada, densa, específica. Esses conceitos, que têm sua origem no mundo cotidiano e na linguagem cotidiana, transformaram-se em instrumentos culturais, com o objetivo de dominar a complexidade da organização social humana.

Masa Nomura, *op. cit.*, pp. 23-5 (grifo nosso).

Texto 2

Fragmento do Código Civil Brasileiro

TÍTULO II – DOS ATOS ILÍCITOS

Art. 159. Aquele que, por ação ou omissão voluntária, negligência, ou imprudência, violar direito, ou causar prejuízo a outrem, fica obrigado a reparar o dano.

A verificação da culpa e a avaliação da responsabilidade regulam-se pelo disposto neste Código, arts. 1.518 a 1.532 e 1.537 a 1.553.

Art. 160. Não constituem atos ilícitos:

I – os praticados em legítima defesa ou no exercício regular de um direito reconhecido;

II – a deterioração ou destruição da coisa alheia, a fim de remover perigo iminente (arts. 1.519 e 1.520).

Parágrafo único. Neste último caso, o ato será legítimo, somente quando as circunstâncias o tornarem absolutamente necessário, não excedendo os limites do indispensável para a remoção do perigo.

Clube da esquina

“Aí coroa, libera um tempo pra eu sair de goma e encontrar uns véio numa muvuca por aí. Sossega que não vou voltar chamberlau. Só quero mordê umas cavalas e abraçar uns corpos em algum setor que não tenha mano.”

Para quem parou no tempo dos brotinhos e do bacana, compreender a nova linguagem praticada nos bares, colégios e boates freqüentados basicamente por jovens é um exercício de semiologia. As palavras aparecem e somem com uma rapidez de cometa. O que era dito há dois anos, hoje está totalmente fora de moda.

Mas nem tudo é efêmero no vocabulário das ruas. Algumas gírias conseguem driblar o tempo e se firmar por longos períodos. Legal parece eterna. Jóia, barato, cara, sujou, sacar, manjar, dar um tempo, pintar um lance e o próprio lance também estão entre as que concorrem ao trono do atemporal. Mas balada que é balada não pode se restringir à velharia.

“Gíria é um linguajar desenvolvido entre a moçada, na escola ou nos



Anexo 5

agitos noturnos”, esclarece o estudante L.H.M., de 18 anos. As palavras pouco convencionais são usadas justamente como diferenciação. A tribo jovem não pode estar enquadrada no ritmo lento da conversa simples e comum que permeia o mundo adulto. “Às vezes os pais não entendem e pedem para a gente explicar”, acrescenta T.M., de 17 anos.

O papo das ruas tem variações. As diferentes ‘raças’ seguem glossários distintos. Rappers, surfistas, skatistas, garotos da classe média, da periferia, gays e outros universos têm cada um sua lista específica de palavras. Mas alguns termos rompem territórios e se espalham por ‘classes’ diversas.

Mordê, chinelo, baranga e muvuca são alguns dos vocábulos que convivem, democraticamente, em diferentes grupos. Outros não têm essa flexibilidade. Enquanto para um jovem de classe média mano quer dizer pé-rapado, para os meninos de periferia é o mesmo que amigo, cara. “E aí mano, tudo bem?” é o mesmo que dizer “E aí sangue bom, ou sangão, ou sangue B”, exemplifica o garoto de rua D.S.

Freqüentador das esquinas da cidade à cata de alguns trocados, o verborrágico D. desfere gírias em quantidade industrial. Habitado com o submundo das ruas, o garoto de 15 anos conhece todos os apelidos dados às drogas mais consumidas. Maconha é bagulho, cocaína é farinha ou *bright*, e *crack* é casca. Douglas se autodenomina manezão ou tiguela porque não usa nenhum tipo de droga.

Silvana Guaiume, in *Revista do Correio Popular*,
Campinas, 13/4/1997.

Anexo 6

A língua maltratada

Como castigam nosso pobre português!

É impressionante como as pessoas falam e escrevem de maneira errada. O bom português até já foi tema de campanha publicitária do McDonald's. Presenciar punhaladas na língua não me assusta tanto. Fico de cabelo em pé ao perceber que as pessoas acham feio falar corretamente. Se alguém usa uma palavra diferente, numa roda de amigos, acaba ouvindo:

– Hoje você está gastando, hein?

Vira motivo de piada. O personagem que fala certinho é sempre o chato nos programas humorísticos. Mesmo em uma cidade como São Paulo, onde a concorrência profissional é enorme, ninguém parece preocupado em corrigir erros de linguagem. Incluem-se aí profissionais de nível universitário. Um dos

maiores crimes é cometido contra o verbo haver. Raramente alguém coloca o H. Mesmo em jornais, costumo ler: “Não se sabe a quanto tempo...”.

Outro dia, estava assistindo ao trailer de *Medidas Extremas*. Lá pelas tantas, surge a legenda: “Vou previni-lo”. O verbo é prevenir. No filme *Asas do Amor*, também não falta uma preciosidade. Diz-se que um personagem é ‘mal’. O certo é ‘mau’. Só o demônio é a encarnação do mal, do ponto de vista da gramática. Legendas de filme não deveriam sofrer um cuidado extra? Para se defender, o responsável pelas frases tortas é bem capaz de dizer:

– Deu para entender, não deu?

Errar, tudo bem. O problema é deixar o erro seguir em frente. Mesmo um texto correto corre riscos. Quem lê muitas vezes nem sequer presta atenção. Nunca vou esquecer o que aconteceu numa novela de época. A história se passava durante a Abolição da Escravatura. Lá pelas tantas, o vilão dizia:

– Chutei o balde!

Mas o ator interpretou, de boca cheia:

– Chutei o pau da barraca!

Foi ao ar. Vários jornais fizeram piada. Como usar essa expressão no século passado? O sapo ficou para o autor.

Novelas de televisão, aliás, tornaram-se um festival de arrasa-língua. Nenhum jovem diz:

– Eu o vi.

Todos preferem:

– Eu vi ele.

Existe um argumento para justificar essa forma de falar. É a necessidade de manter uma linguagem coloquial. Em teatro e televisão, é importante. Os atores devem falar como os personagens que interpretam. Ninguém pode esperar que uma quituteira baiana, por exemplo, use ‘deixe-a’ ou “ofereço-lhe”, como faria uma mestra da literatura. Mas há limites. É uma experiência que vivo na carne, assim como outros autores que conheço. Para manter o tom coloquial sem massacrar a língua, passo horas buscando alternativas. Por exemplo:

– Ontem eu vi a menina.

Só para não cair no hediondo “eu vi ela”. Adianta? Para se sentir à vontade, certos atores crivam o diálogo de horrores. Seria injustiça falar apenas de atores. Há memorandos internos de executivos de arrepiar. Já tive uma secretária incapaz de soletrar o nome correto de alguns conhecidos. ‘Alcides’, ela escrevia como ‘Aucides’.

Esfaqueiam as palavras até para expressar carinho. Casais chamam o cônjuge de ‘mô’. Amigos se tratam de ‘mermão’. Gente descolada emprega termos ingleses a torto e a direito. Um amigo me disse:

– Encontrei com ela na night.



Anexo 6

Era uma maneira de dizer que se cruzaram na noite paulistana. E por aí vai. “Up to date”, “fashion” e uma infinidade de termos tornaram-se essenciais no vocabulário. Ninguém sabe exatamente o que significam, como gíria. As pessoas usam a torto e a direito para dar a impressão de refinamento.

Muita gente passa o dia malhando na academia. Outros conhecem vinhos. Existem gourmets capazes de identificar um raro tempero na primeira garfada. Analistas econômicos são capazes de analisar todas as bolsas do universo. Boa parte acha normal atropelar o português. Descaso com a língua é desprezo em relação à cultura. Será que um dia essa mentalidade vai mudar?

Walcy Carrasco, in *Veja São Paulo*, 22/4/1998, p. 106.

Anexo 7

Texto 1

Famigerado

Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranqüilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse – o oh-homem-oh – com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos – coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam. Dado que a frente da minha casa reentrava, metros, da linha da rua, e dos dois lados avançava a cerca, formava-se ali um encantoável, espécie de resguardo. Valendo-se do que, o homem obrigara os outros ao ponto donde seriam menos vistos, enquanto barrava-lhes qualquer fuga; sem contar que, unidos assim, os cavalos se apertando, não dispunham de rápida mobilidade. Tudo enxergara, tomando ganho da topografia. Os

três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na espuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingão no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

– “Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. Se por se cumprir do maior valor de melhores modos; por esperteza? Reteve no pulso a ponta do cabresto, o alazão era para paz. O chapéu sempre na cabeça. Um alarve. Mais os ínvios olhos. E ele era para muito. Seria de ver-se: estava em armas – e de armas alimpadas. Dava para se sentir o peso da de fogo, no cinturão, que usado baixo, para ela estar-se já ao nível justo, ademão, tanto que ele se persistia de braço direito pendido, pronto meneável. Sendo a sela, de notar-se, uma jereba papuda urucuiana, pouco de se achar, na região, pelo menos de tão boa feitura. Tudo de gente brava. Aquele propunha sangue, em suas tenções. Pequeno, mas duro, grossudo, todo em tronco de árvore. Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

– “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortas, homem perigosíssimo. Constando também, se verdade, que de para uns anos ele se serenara – evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:

– “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à reve-



lia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado..."

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. Contra que aí estava com o fígado em más margens; pensava, pensava. Cabismeditado. Do que, se resolveu. Levantou as feições. Se é que se riu: aquela crueldade de dentes. Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monologar.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Æo, travados assuntos, inseqüentes, como dificuldade. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. E, pá:

– “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldado... famílias-gerado...*”?

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, o fatal, a vexatória satisfação?

– “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe perguntar a pergunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiu-se-me.

– “Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem têm o legítimo – o livro que aprende as palavras... E gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São Æo, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?”

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

– *Famigerado?*

– “Sim senhor...” – e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. – *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me carecia noutro ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

– “Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...”

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o carço: o verivérbio.

– *Famigerado* é inóxio, é “célebre”, “notório”, “notável”...

– “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga:

é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?"

– Vilita nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

– “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

– *Famigerado*? Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

– “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

– Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...

– “Ah, bem!...” – soltou, exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três: – “Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição...” – e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d’água. Disse: – “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” Seja que de novo, por um mero, se torvava? Disse: – “Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não...” Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: – “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças... Só pra azedar a mandioca...” Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.

João Guimarães Rosa, *Primeiras Estórias*. 14. ed.
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d pg 13-17.

Texto 2

Instruções

1. O trabalho com textos de Guimarães Rosa se beneficia bastante com alguma atividade prévia, um tipo de ‘aquecimento’ para a leitura do aluno, que geralmente sente dificuldades. Sugerir alguma atividade desse tipo.
2. Criar um roteiro de interpretação para o conto, considerando estes aspectos:
 - a. o trabalho será proposto a alunos da 3ª série do Ensino Médio, com noções de História da Literatura Brasileira;
 - b. o roteiro deve incorporar, em forma de atividades, as reflexões feitas sobre os usos da língua, especialmente as questões relacionadas ao contexto;
 - c. deve-se atender à competência exposta no Texto 3, a seguir, e considerar as observações recortadas dos PCNEM;
 - d. se achar adequado, o grupo pode utilizar no trabalho o Texto 4 deste Anexo.

Texto 3

Trechos dos PCNEM

Compreender as diferenças não pelo seu 'caráter folclórico', mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos, é o princípio para aceitar aquilo que não sabemos. Todas as áreas partilham dessa necessidade de conhecimento. (p. 142)

[...] Os papéis dos interlocutores, a avaliação que se faz do "outro" e a expressão dessa avaliação em contextos comunicativos devem ser pauta dos estudos da língua. (p. 140)

É com a língua que as significações da vida assumem formas de poesia ou da fala cotidiana nossa de cada dia. (p. 140)

Texto 4

"O que me preocupa e tortura, ao rever as páginas escritas, é a angústia de evitar a chapa, o chavão, a frase feita." Essa declaração de Guimarães Rosa pretende justificar as revisões constantes a que o escritor submetia seu trabalho, de modo que obras já publicadas sofriam alterações de uma edição para a outra.

É o caso de *Sagarana*, que Rosa só considerou como obra 'acabada' na quinta edição.

Veja duas dessas alterações feitas em *Sagarana*:

1. No conto "Sarapalha":

Até a 2ª edição:

Do colmado dos juncos, irrompe o vôo curto de uma garça; tão ligeiro, que é apenas um movimento branco, riscado no alto, em direção à mata.

A partir da 3ª edição:

Do colmado dos juncos, se estira o vôo de uma garça, em direção à mata.

2. No conto "O burrinho pedrês":

Até a 3ª edição:

E Juca Bananeira, que dá uma pancada na anca do Belmonte...

A partir da 4ª edição:

E Juca Bananeira, que dá uma palmada na anca do Belmonte...

Texto 1

Do Projeto de Lei do Deputado Federal Aldo Rebelo

A História nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre o outro se dá pela imposição da língua. [...]

[...] estamos a assistir a uma verdadeira descaracterização da Língua Portuguesa, tal a invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos – como *holding, recall, franchise, coffee-break, self-service* [...]. E isso vem ocorrendo com voracidade e rapidez tão espantosas que não é exagero supor que estamos na iminência de comprometer, quem sabe até truncar, a comunicação oral e escrita com o nosso homem simples do campo, não afeito às palavras e expressões importadas, em geral do inglês norte-americano, que dominam o nosso cotidiano [...]

Como explicar esse fenômeno indesejável, ameaçador de um dos elementos mais vitais do nosso patrimônio cultural – a língua materna –, que vem ocorrendo com intensidade crescente ao longo dos últimos 10 a 20 anos? [...]

Parece-me que é chegado o momento de romper com tamanha complacência cultural, e, assim, conscientizar a nação de que é preciso agir em prol da língua pátria, mas sem xenofobismo ou intolerância de nenhuma espécie. [...]

Deputado Federal Aldo Rebelo, 1999.

Texto 2

Um projeto de lei

O deputado Aldo Rebelo apresentou à Câmara dos Deputados um projeto de lei destinado a defender a língua portuguesa das palavras e expressões que a estão desfigurando.

Entre os bens culturais que um povo possui, a língua que ele fala é, talvez, o mais importante e, sem dúvida, o primeiro com o qual seus cidadãos entram em contato. No meu caso particular, isto é tanto mais verdadeiro na medida em que, sendo escritor, a língua portuguesa é meu instrumento de trabalho. Para mim, o exercício da literatura pode ser um ofício duro, mas é também um jogo esmaltador e indispensável, fascinante, poderoso. Encaro a literatura como missão e festa, ao mesmo tempo; desde muito moço, descobri que ela era o caminho que se abria diante de mim para que eu pudesse enfrentar com alegria a dura mas bela tarefa de viver.

Vem daí o amor profundo, a paixão irreprimível, a relação de carne e sangue que me liga à língua portuguesa. Existem escritores que nascem e se



criam falando uma língua e passam a escrever noutra, que aprendem depois de adultos. Para falar com sinceridade, tal fato jamais poderia acontecer comigo. Estou com 73 anos e a cada dia me embrenho mais pelos encantos e encantações da bela língua que os portugueses nos legaram, trazendo-a para o Brasil há 500 anos.

Acho que foi em 1995 que o então presidente de Portugal Mário Soares me deu uma condecoração que muito me orgulha – a da Ordem do Infante Dom Henrique. No momento em que lhe agradeci a honraria, ele me convidou a ir a Portugal. Respondi que, não gostando de viajar, nunca saíra do Brasil; mas, que, se, um dia, isto viesse a acontecer, minha preferência seria por Portugal, por ser, entre os países da Europa, “o único onde o povo tem o bom senso de falar português”.

Pode-se imaginar, então, como fico preocupado ao ver a língua portuguesa desfigurada, como está acontecendo. Sei perfeitamente (e o deputado Aldo Rebelo sabe também) que um idioma é uma coisa viva e pulsante. Não queremos isolar o português, que, como acontece com qualquer outra língua, se enriquece com as palavras e expressões das outras. Mas elas devem ser adaptadas à forma e ao espírito do idioma que as acolhe. Somente assim é que deixam de ser mostrengos que nos desfiguram e se transformam em incorporações que nos enriquecem. Cito um caso, para exemplificar: no país onde se joga o melhor futebol do mundo, traduziram, e bem, a palavra inglesa goal por ‘gol’. Mas estão escrevendo seu plural de maneira ao mesmo tempo horrorosa e errada, ‘gols’ (e não ‘gôis’, como é exigido ao mesmo tempo pelo bom gosto, pelo espírito e pela forma da nossa língua). Isto num setor em que, para substituir os vocábulos estrangeiros, se adotaram palavras tão boas quanto ‘zaga’, ‘escanteio’, ‘impedimento’ etc. Por tudo isso, mando daqui meu abraço a Aldo Rebelo, dizendo-lhe que, com seu projeto de lei, ele me deu mais uma prova de que fiz bem quando, em 1998, mesmo não morando em São Paulo, assinei um manifesto de apoio à sua candidatura.

Ariano Suassuna,
Folha de S. Paulo, 5/4/2000, p. 1-2.

MÓDULO 2

DIÁLOGO ENTRE TEXTOS: UM EXERCÍCIO DE LEITURA

Uma das manifestações da língua é a intertextualidade. Do emaranhado das relações humanas, acabam emergindo matrizes verbais que refletem identidades sociais. Cada retomada dessas matrizes pode se pautar pela sintonia ou pelo conflito – flagrante ou mascarado –, num movimento constante, responsável pelo caráter dialógico do discurso e pela dinâmica da cultura.

Tempo previsto: 16 horas

Finalidades do Módulo

- Rever e ampliar o conceito de intertextualidade.
- Construir ou mobilizar as competências e habilidades de:
 - identificar, no estudo da intertextualidade, uma ferramenta eficaz para o trabalho com leitura e análise de texto, uma vez que pensar os discursos em sua intertextualidade pode revelar a diversidade do pensamento humano;
 - reconhecer, analisar e comparar os diversos recursos expressivos da linguagem verbal (língua), especialmente em textos com temática semelhante;
 - contextualizar a situação discursiva, analisando a intenção do intertexto.

Conceitos

- Intertextualidade.
- Linguagem, língua e discurso.
- Estilo.

Materiais necessários

- Diferentes jornais para realizar a Atividade 5.
- Lousa e giz.
- Caderno, lápis e caneta.
- Textos dos Anexos do Módulo 2 de Língua Portuguesa.
- PCNEM.

Dinâmica de trabalho

Atividade 1

- Entregue cópias do Anexo 1 (páginas 80-82) a grupos de três professores e dê um tempo para lerem e comentarem os textos. Socialize depois a discussão e faça uma seleção dos comentários que se relacionarem com o conceito de intertextualidade. Registre-os de forma resumida no quadro-negro.

- Em seguida, proponha que façam, por escrito, uma análise comparativa dos dois textos. Se achar que é o caso, oriente o trabalho com um roteiro, como este abaixo.
 - a. É imprescindível conhecer a poesia de Drummond para compreender o texto de José Saramago? Justificar a resposta.
 - b. Identificar o segmento do texto de Saramago que traduz, em linguagem poética, a seguinte afirmativa dos PCNEM:

O homem pode ser conhecido pelos textos que produz. Nos textos, os homens geram intertextos cada vez mais diversificados; o princípio das diferenciações encontra no social o alimento de referência. (p. 142).
 - c. Tendo em vista que o intertexto sempre implica uma operação de interpretação do texto matriz, por parte do autor:
 - *Quais os significados projetados por Saramago no texto de Drummond?*
 - *Pode-se afirmar que essa leitura desentranhou novos significados do texto do poeta brasileiro? Justificar a resposta.*
 - d. Proponha que alguns professores, espontaneamente, exponham aos demais sua resposta à seguinte questão:

Neste momento, ao realizar esta atividade, que situação de sua vida profissional ou social mereceria uma exposição passível de ser fechada com a pergunta "E agora, José?"?

Conceito: função e natureza da intertextualidade.

Competência: analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando texto e contexto.

Atividade 2

- Solicite a cada professor um depoimento a respeito dos seguintes pontos:
 - *Ao corrigir as redações de seus alunos, tem observado a ocorrência de intertextualidade?*
 - *Quais são as fontes mais freqüentes dessa intertextualidade: cinema, televisão, jornal, letras de música, a literatura estudada na escola? Outras fontes? Quais?*
- Distribua o Anexo 2 (página 83) e diga para lerem os Textos 1 e 2.
- Em seguida, apresente esta situação:

Para trabalhar o conceito de intertextualidade, um professor escolheu o recorte do texto do Canto IV de Os Lusíadas que aparece no Anexo. E apresentou em seguida o Texto 2, do mesmo Anexo.

 Peça para o grupo relacionar a atividade desenvolvida pelo professor hipotético com esta passagem dos PCNEM:

[...] O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. (p. 139)

Atividade 3

- Entregue cópias do Anexo 3 (páginas 83-85) e peça para os professores lerem.
- Terminada a leitura, diga para compararem os dois textos, de acordo com os seguintes aspectos:
 - a. A fidelidade (ou não) do título do texto jornalístico ao fato.

- b. A dupla significação do título do texto de Scliar, título que também é um intertexto. (Se for preciso, lembre que o título do texto de Scliar repete o de um filme de Frederico Fellini, *La dolce vita*.)
- c. A utilização da ironia – um recurso freqüente na intertextualidade – no texto de Scliar. Em relação a esse aspecto, pergunte aos professores:
Nos exercícios de intertextualidade, tem sido comum seus alunos utilizarem a ironia, recurso que pode conduzir à paródia?

Dependendo das respostas, analise com o grupo o motivo de os alunos manifestarem essa preferência.

■ Peça para os professores retomarem as anotações feitas na atividade anterior e definirem intertextualidade, a partir da comparação dos textos.

■ Para finalizar a atividade, apresente o seguinte trecho dos PCNEM:

[...] O desenvolvimento da competência lingüística do aluno no Ensino Médio, dentro dessa perspectiva, não está pautado na exclusividade do domínio técnico de uso da língua legitimada pela norma padrão, mas, principalmente, no saber utilizar a língua, em situações subjetivas e/ou objetivas que exijam graus de distanciamento e reflexão sobre contextos e estatutos de interlocutores – a competência comunicativa vista pelo prisma da referência do valor social e simbólico da atividade lingüística e dos inúmeros discursos concorrentes. (p. 131)

Converse com o grupo, levando-o a relacionar esse texto com as atividades realizadas, especialmente em dois aspectos:

- a. identificar as informações necessárias para uma compreensão mais profunda da intertextualidade entre o Texto 1 e o Texto 2;
- b. escolher uma atividade que poderia ser proposta com o objetivo específico de tornar relevante para o aluno a busca de informações sobre o contexto em que cada um dos textos foi produzido e sobre a importância do suporte em que foram veiculados.

Atividade 4

■ Relate aos professores este fato:

Um dia após ter sido publicada a notícia transcrita no Anexo 3, uma advogada paulistana de classe média alta foi surpreendida em um supermercado, furtando chocolates. A advogada foi presa.

■ Distribua o Anexo 4 (páginas 85-86) para os professores lerem e comentarem livremente.

■ Discuta com os participantes:

A relação com o fato real que Barbara Gancia cria em seu texto é semelhante à relação existente entre os dois textos do Anexo 3?

■ Considerando a condição profissional da jornalista Barbara Gancia, leve o grupo a relacionar o texto a esta passagem dos PCNEM:

[...] as relações lingüísticas, longe de serem uniformes, marcam o poder simbólico acumulado pelos seus protagonistas. (p. 131)

Conceitos: protagonista do discurso; intertextualidade.

Competência: confrontar opiniões e pontos de vista sobre diferentes manifestações da linguagem verbal.

Atividade 5

- Cada participante do grupo de três professores se encarrega de levar um jornal diferente, mas do mesmo dia. Sugira que escolham uma notícia que tenha sido publicada nos três jornais. Deverão comparar as fontes e analisar o diálogo permanente entre os usuários da língua. Nesse trabalho deve-se levar em conta:

a. este fragmento dos PCNEM:

[...] No Art. 27, quando a Lei fala sobre as diretrizes dos conteúdos curriculares, a questão da cidadania e do trabalho serve de exemplo do uso da língua, vista como conhecimento de mundo em interação, em que a linguagem representa fonte da ética e estética em ação. (p. 38)

b. esta reflexão:

A moral, numa determinada sociedade, indica o comportamento que deve ser considerado bom e mau. A ética procura o fundamento do valor que norteia o comportamento, partindo da historicidade presente nos valores.

Terezinha A. Rios, *Ética e competência*.
São Paulo, Cortez, 1993, p. 24.

- Para finalizar, proponha a montagem de um 'varal', a fim de que todos possam ler as notícias colhidas e os textos produzidos pelos colegas.

Atividade 6

- Distribua o Anexo 5 (páginas 86-87) entre grupos de no máximo quatro pessoas.
- Peça para todos os grupos analisarem os textos e comentarem a intertextualidade.
- Escolha um dos grupos e explique: para eles, está reservada uma tarefa diferente da realizada pelos demais. Peça para esperarem.

- Proponha à maioria dos grupos que, recorrendo aos textos do Anexo, elabore um plano de aula para trabalhar a intertextualidade. Os professores deverão levar em conta o grau de maturidade e conhecimento de seus alunos, e observar também:

a. esta disposição dos PCNEM:

No Parecer do CNE, destaca-se a questão da formação ética, estética e política na e pela língua, vista como formadora de valores sociais e culturais. (pp. 138-9)

b. esta questão:

Que valor(es) se pode(m) mobilizar com esse trabalho?

- Explique então a tarefa do grupo que ficou à parte: identificar e indicar, em manifestações que não pertençam ao universo da literatura, intertextos da história de Chapeuzinho Vermelho, inclusive com seus desdobramentos temáticos (por exemplo, o homem conquistador encarnado no lobo mau). Esses intertextos – quadros, cartuns, telenovelas, filmes, quadrinhos, dança, jornalismo escrito e televisivo, sites da internet, teatro, escultura etc. – deverão não só ilustrar o trabalho dos colegas dos outros grupos, como também dialogar com esses trabalhos.

- Promova a análise dos trabalhos, levando em conta esta passagem dos PCNEM:

[...] O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos. (p. 139)

- Sugira que se monte um painel com o resultado do trabalho.

Atividade 7

- Reorganize a sala em cinco grupos, entregue um Anexo diferente a cada grupo (Anexos 6, 7, 8, 9 e 10 (páginas 87-93), que deverá realizar a tarefa proposta em seu Anexo.
- Enquanto os grupos trabalham, circule entre eles e oriente-os se for necessário.
- Quando terminarem, abra um painel para que cada grupo explique sua tarefa, relate as soluções encontradas e as possíveis dificuldades para a resolução pedagógico/educacional do problema. Incentive os grupos a avaliar mutuamente seus trabalhos, fazer comentários, sugerir mudanças, cortes, acréscimos etc.
- Planeje uma forma de documentar a síntese do trabalho – por escrito, ou com gravação em áudio ou em vídeo – e posteriormente colocá-la à disposição de todos os participantes do curso.
- Terminado o trabalho, entregue aos professores o Anexo 11 (página 94), que reproduz o texto de encerramento, a seguir. Se considerar pertinente, promova uma rodada de discussão desse texto.

O espaço da Língua Portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos. (PCNEM, p. 144, grifo nosso)

O trecho grifado pode sintetizar bem o que se pretende com o trabalho de intertextualidade. A intenção é levar o aluno a se conscientizar de sua condição de um intertexto vivo, capaz de referendar, citar, parafrasear os discursos estabelecidos ou negociar sentidos, desmontá-los, sempre criando intertextos novos, em um exercício constante de diálogo (a que os PCN chamam de 'jogo comunicativo'), em que a identidade de cada um se instaura a partir da herança social e cultural comum.

No mundo globalizado, esses intertextos se inserem, por sua vez, em um hipertexto a que a escola deve garantir, ao mesmo tempo, acesso e condição de preservação da marca histórica, social e individual de seus alunos.

Esta passagem dos PCNEM referenda essas idéias:

O ponto de vista, qualquer que seja, é um texto entre textos e será recriado em outro texto, objetivando a socialização das formas de pensar, agir e sentir, a necessidade de compreender a linguagem como parte do conhecimento de si próprio e da cultura e a responsabilidade ética e estética do uso social da língua materna. (p. 144)

Consulte também

PAULINO, Graça, WALTY, Ivete & CURY, Maria Zilda. *Intertextualidade: teoria e prática*. Belo Horizonte, Lê.

As autoras apresentam várias propostas de trabalho com intertextualidade, como por exemplo diversas versões da história de Chapeuzinho Vermelho.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e Cia*. São Paulo, Ática, 1998
A obra traz estudos teóricos e aplicados de intertextualidade.

Para encerrar, recolha os Anexos.

Anexo 1

Texto 1

José

E agora, José?
 A festa acabou,
 a luz apagou,
 o povo sumiu,
 a noite esfriou,
 e agora, José?
 e agora, Você?
 Você que é sem nome,
 que zomba dos outros,
 Você que faz versos,
 que ama, protesta?
 e agora, José?

Está sem mulher,
 está sem discurso,
 está sem carinho,
 já não pode beber,
 já não pode fumar,
 cuspir já não pode,
 a noite esfriou,
 o dia não veio,
 o bonde não veio,
 o riso não veio,
 não veio a utopia
 e tudo acabou
 e tudo fugiu
 e tudo mofou,
 e agora, José?

E agora, José?
 sua doce palavra,
 seu instante de febre,
 sua gula e jejum,
 sua biblioteca,

sua lavra de ouro,
 seu terno de vidro,
 sua incoerência,
 seu ódio, – e agora?

Com a chave na mão
 quer abrir a porta,
 não existe porta;
 quer morrer no mar,
 mas o mar secou;
 quer ir para Minas,
 Minas não há mais.
 José, e agora?

Se você gritasse,
 se você gemesse,
 se você tocasse,
 a valsa vienense,
 se você dormisse,
 se você cansasse,
 se você morresse...

Mas você não morre,
 você é duro, José!

Sozinho no escuro
 qual bicho-do-mato,
 sem teogonia,
 sem parede nua
 para se encostar,
 sem cavalo preto
 que fuja a galope,
 você marcha, José!
 José, para onde?

Carlos Drummond de Andrade, in *Obra completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1967, p. 130.
 Carlos Drummond de Andrade © 1988 Graña Drummond.

Texto 2

E agora, José?

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas — ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-me desde que nasci, por um desses misteriosos acasos que fazem do que viveu já, do que vive e do que ainda não vive, um mesmo nó apertado e vertiginoso de tempo sem medida. Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: “E agora?” Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atónitas. “E agora, José?” Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tónico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Em todo o caso, há situações de tal modo absurdas (ou que o pareceriam vinte e quatro horas antes), que não se pode censurar a ninguém um instante de desconforto total, um segundo em que tudo dentro de nós pede socorro, ainda que saibamos que logo a seguir a mola pisada, violentada, se vai distender vibrante e verticalmente afirmar. Nesse momento veloz tocara-se o fundo do poço.

Mas outros Josés andam pelo mundo, não o esqueçamos nunca. A eles também sucedem casos, desencontros, acidentes, agressões, de que saem às vezes vencedores, às vezes vencidos. Alguns não têm nada nem ninguém a seu favor, e esses são, afinal, os que tornam insignificantes e fúteis as nossas penas. A esses, que chegaram ao limite das forças, acuados a um canto pela matilha, sem coragem para o último ainda que mortal arranco, é que a pergunta de Carlos Drummond de Andrade deve ser feita, como um derradeiro apelo ao orgulho de ser homem: “E agora, José?”

Precisamente um desses casos me mostra que já falei demasiado de mim. Um outro José está diante da mesa onde escrevo. Não tem rosto, é um vulto apenas, uma superfície que treme como uma dor contínua. Sei que se chama José Júnior, sem mais riqueza de apelidos e genealogias, e vive em São Jorge da Beira. É novo, embriaga-se, e tratam-no como se fosse uma espécie de bobo. Divertem-se à sua custa alguns adultos, e as crianças fazem-lhe assuadas, talvez o apedrejem de longe. E se isto não fizeram, empurraram-no com aquela súbita crueldade das crianças, ao mesmo tempo feroz e



Anexo 1

cobarde, e o José Júnior, perdido de bêbedo, caiu e partiu uma perna, ou talvez não, e foi para o hospital. Miserio corpo, alma pobre, orgulho ausente – “E agora, José?”

Afasto para o lado os meus próprios pesares e raivas diante deste quadro desolado de uma degradação, do gozo infinito que é para os homens esmagarem outros homens, afogá-los deliberadamente, aviltá-los, fazer deles objecto de troça, de irrisão, de chacota – matando sem matar, sob a asa da lei ou perante a sua indiferença. Tudo isto porque o pobre José Júnior é um José Júnior pobre. Tivesse ele bens avultados na terra, conta forte no banco, automóvel à porta – e todos os vícios lhe seriam perdoados. Mas assim, pobre, fraco e bêbedo, que grande fortuna para São Jorge da Beira. Nem todas as terras de Portugal se podem gabar de dispor de um alvo humano para darem livre expansão a ferocidades ocultas.

Escrevo estas palavras a muitos quilómetros de distância. não sei quem é José Júnior, e teria dificuldade em encontrar no mapa São Jorge da Beira. Mas estes nomes apenas designam casos particulares de um fenómeno geral: o desprezo pelo próximo, quando não o ódio, tão constantes ali como aqui mesmo, em toda a parte, uma espécie de loucura epidémica que prefere as vítimas fáceis. Escrevo estas palavras num fim de tarde cor de madrugada com espumas no céu, tendo diante dos olhos uma nesga do Tejo, onde há barcos vagarosos que vão de margem a margem levando pessoas e recados. E tudo isto parece pacífico e harmonioso como os dois pombos que pousam na varanda e sussurram confidencialmente. Ah, esta vida preciosa que vai fugindo, tarde mansa que não será igual amanhã, que não serás, sobretudo, o que agora és.

Entretanto, José Júnior está no hospital, ou saiu já e arrasta a perna coxa pelas ruas frias de São Jorge da Beira. Há uma taberna, o vinho ardente e exterminador, o esquecimento de tudo no fundo da garrafa, como um diamante, a embriaguez vitoriosa enquanto dura. A vida vai voltar ao princípio. Será possível que a vida volte ao princípio? Será possível que os homens matem José Júnior? Será possível?

Ceguei ao fim da crónica, fiz o meu dever. “E agora, José?”

José Saramago, *A bagagem do viajante*.
São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 38-40.

Texto 1

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto III, estrofe 120.
Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d, p. 310.

Texto 2

Inês da terra. Inês do céu. Inês.
Preferida dos anjos. Árdua rota,
conúbio consumado, anteviuvez.
Mas após amplidão sempre remota,
branca existência, face da sem tez.
Ontem forma palpável. Hoje ignota.
Eterna linda Inês, paz, desapego,
porta recriada para os sem-sossego.

Jorge de Lima, *Invenção de Orfeu*, Canto IX –
Permanência de Inês. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d, p. 186.

Texto 1

Desempregado do Texas levou barra que custava US\$ 1
Americano é condenado a 16 anos por furtar um chocolate

Um homem foi condenado a 16 anos de prisão no Texas (sul dos EUA) após ter furtado uma barra de chocolate.

O desempregado Kenneth Dude Payne, 29, levou sem pagar um chocolate da marca Snickers, que valia US\$ 1, de uma loja da cidade de Tyler em 16



Anexo 3

de dezembro do ano passado.

Afirmou que não tinha dinheiro para comprar o chocolate e disse que sabia que o dono da loja não daria a barra se ele pedisse.

A sentença foi proferida em 16 de março, mas o caso só foi divulgado ontem.

O desempregado já tinha outras passagens pela polícia, a primeira delas por ter furtado um pacote de biscoitos, aos 17 anos. Depois, ele também furtou uma caixa de ferramentas e dois cartões de crédito, crimes pelos quais foi condenado a 10 anos de prisão. Estava em liberdade condicional depois de ter cumprido quatro anos e meio de detenção.

“ Eu sei que esse caso parece um pouco patético”, afirmou o promotor Jodi Brown. “Mas a condenação não foi resultado apenas do furto de uma barra de chocolate. Ele foi condenado pelo seu estilo de vida, essencialmente, que ele escolheu aos 16 anos e vem praticando desde então”, disse Brown.

No julgamento, a Promotoria pediu que Payne fosse julgado por “conduta criminosa habitual”, uma tipificação existente no Estado do Texas que estipula uma pena mínima de 16 anos de prisão. Se tivesse sido julgado apenas pelo furto do chocolate, Payne pegaria uma pena máxima de 4 anos. A advogada do desempregado, Linda Altier, afirmou que vai recorrer.

Folha de S. Paulo, 5/4/2000, p. 1-15.

Texto 2

Dolce vita

Americano é condenado a 16 anos por furtar um chocolate

Era uma paixão que vinha da infância: ele adorava chocolate. Podia comer dez barras de uma só vez, podia comer meio quilo de bombons. Mas, desempregado, não tinha dinheiro para isso. Acabou roubando um Snickers. Foi preso e julgado.

Quando o juiz pronunciou a sentença, sua primeira reação foi de revolta. Dezesseis anos por ter roubado uma barra de chocolate! Que Justiça era aquela? Quem o acalmou foi o guarda que o escoltava:

– Calma, rapaz. Pelo menos agora você vai ter comida todos os dias. E vai ganhar inclusive chocolate.

Ele achou que o homem estava debochando, quis até brigar. Mas o guarda confirmou; chocolate, sim – ele já tinha trabalhado na prisão da cidade e sabia que aquilo era praxe; aos domingos, os prisioneiros recebiam, após o almoço, uma barra de chocolate Snickers. A mesma marca daquele que tinha roubado.

Conformado – pelo menos teria como satisfazer sua paixão –, ele se deixou conduzir para a cadeia. Recebeu o uniforme, passou pelo médico que o examinou e foi levado para a cela. Naquele mesmo dia iniciou-se sua rotina. Tinha sido designado para a lavanderia. Trabalho duro, que ele enfrentou com resignação. Com a mesma resignação enfrentou também a zombaria dos companheiros de prisão. Com um único pensamento: no domingo ele ganharia uma barra de chocolate.

À hora do almoço, no domingo, ele era o primeiro da fila. Recebeu a sua bandeja com a comida – mas nada de chocolate.

– Para você não – disse o chefe da cozinha.

– Por que não?

O homem mostrou um papel assinado pelo médico.

– Está escrito aqui: descobriram que você tem peso acima do normal. Snickers para você, não.

Sem dizer nada, ele foi para a mesa. Mas não pôde comer. Só pensava numa coisa: no túnel que o levaria à liberdade. Um túnel que ele cavaria de qualquer jeito. Nem que levasse dezesseis anos para isso.

Moacir Scliar, in *Folha de São Paulo*, 10/4/2000, p. 5-16.

Advogada entra de gaiata no navio

[...] se roubar uma caixa de chocolates e uns doces espanhóis de um supermercado é motivo para ser preso e ter o nome exposto no jornal e na TV, então a que tipo de punição deve ser submetido quem mente para o eleitor; quem faz qualquer manobra para continuar a prevaricar livremente ou quem usa e abusa da passividade dessa nossa gente acomodada?

O leitor polemista há de dizer que, dias atrás, nos Estados Unidos, um rapaz foi condenado a passar 16 anos atrás das grades por roubar uma barra de chocolate. Nada a ver.

Nos EUA a pena aumenta, e muito, de acordo com as condenações anteriores. Em alguns Estados, por menor que seja o crime, na terceira condenação o sujeito fica passível a ver o sol nascer quadrado *forever*.

Mas o que nos interessa no momento é o que acontece aqui e não acolá. Diante da quantidade de crimes que ocorre nesta cidade



Anexo 4

desgovernada, dentro e fora do poder, eu gostaria de saber do leitor se ele considera correto o tratamento que a advogada recebeu: é justo ela ter seu nome, o do marido e da escola das filhas divulgados nos jornais e na televisão? É justo enviá-la para o cárcere em vez de cobrar uma fiança e deixá-la ir para casa? Ou será que essa senhora, que se manteve calma durante todo o depoimento na delegacia, representa algum perigo para a sociedade e pode colocar a vida de alguém em risco?

Em vez de dar *show* de demagogia com a advogada, só porque ela dirige um Mitsubishi e suas filhas estudam em colégio tradicional, por que a polícia não trata de fazer uma devassa na favela Paraguaí e prende os traficantes que expulsaram quase todas as famílias do local? Ora, se a maioria das famílias foi embora, será que os criminosos não estão entre os que ficaram? Estamos até a tampa com criminosos de colarinho branco, que também dirigem carros importados. Mas não é indo à desforra contra ladrões de galinhas ou de chocolates que a gente vai ficar quite.

Barbara Gancia, in *Folha de S. Paulo*, 7/4/2000, p. 3-2.

Anexo 5

Todos conhecem a história de Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault. Os textos a seguir retomam a velha história.

Texto 1

História malcontada

A história de Chapeuzinho Vermelho sempre me pareceu mal contada e não há esperança de se conhecer exatamente o que se passou entre ela, a avozinha e o lobo.

Começa que Chapeuzinho jamais chegaria depois do lobo à choupana da avozinha. Ela vencera na escola o campeonato infantil de corrida a pé, e normalmente não andava a passo, mas com ligeireza de lebre. Por sua vez, o lobo se queixava de dores reumáticas, e foi isto, justamente, que fez Chapeuzinho condoer-se dele.

Estes são pormenores da versão da história, ouvida por Tia Nicota, no começo do século, em Macaé. Segundo ali se dizia, Chapeuzinho e o



Lobo fizeram boa liga e resolveram casar-se. Ela estava persuadida de que o lobo era um príncipe encantado, e que o casamento o faria voltar ao estado natural. Seriam felizes, teriam gêmeos. A avozinha opôs-se ao enlace, e houve na choupana uma cena desagradável entre os três. O lobo não era absolutamente príncipe, e Chapeuzinho, unindo-se a ele, transformou-se em loba perfeita, que há tempos ainda uiva à noite, nas cercanias de Macaé.

Carlos Drummond de Andrade,
"História malcontada", in *Contos plausíveis*.
Rio de Janeiro, José Olympio, 1985, p. 84.
Carlos Drummond de Andrade © 1988 Graña Drummond.

Texto 2

A verdadeira dialética

aí os caçadores chegaram
mataram o lobo e abriram a barriga
e encontraram a vovozinha
toda mastigadinha
quanto a chapeuzinho vermelho
eles comeram

Sebastião Uchoa Leite,
in *Obra em dobras*, "Col. Claro Enigma".
São Paulo, Duas Cidades, 1988, p. 73.

ATIVIDADES PARA O GRUPO 1

Texto 1

O folhetim

De início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chausée* – rés-do-chão, rodapé –, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço destinado ao entretenimento. [...] Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se



oferecem receitas de cozinha ou de beleza [...]

E, numa época em que a ficção está na crista da onda, é o espaço onde se pode treinar a narrativa, onde se aceitam mestres e noviços do gênero, histórias curtas ou menos curtas e adota-se a moda inglesa de publicações em série se houver mais textos e menos colunas. [...]

Lançando a sementeira de um *boom* lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. [...] Já pelos fins de 1836, a fórmula 'continua amanhã' entrou nos hábitos e suscita expectativas. Falta ainda fazer o romance ad hoc que responda às mesmas, adaptado às novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando. No começo da década de 1840 a receita está no ponto, é o filé *mignon* do jornal, grande isca para atrair e segurar os indispensáveis assinantes. Destinado de início a ser uma outra modalidade de folhetim, o então chamado folhetim-romance vai se transformar no *feuilleton tout court*.

Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance.

Marlise Meyer, *Folhetim – uma história*.
São Paulo, Companhia das Letras, 1996, pp. 57-9.

Texto 2

Em uma situação de ensino, a análise da origem de gêneros e tempos, no campo artístico, permite abordar a criação das estéticas que refletem, no texto, o contexto do campo de produção, as escolhas estilísticas, marcadas de acordo com as lutas discursivas em jogo naquela época/local, ou seja, o caráter intertextual e intratextual. (PCNEM, p. 129)

Tarefa

1. Escolher uma telenovela que esteja fazendo sucesso no momento.
2. Traçar um plano de trabalho para sala de aula, partindo da reflexão transcrita no Texto 2.
3. O trabalho deve prever a comparação da telenovela com o folhetim e o objetivo final é que o aluno consiga identificar, comentar e analisar o porquê da **intertextualização de um gênero** tão tradicional feita por um suporte novo – a televisão e sua linguagem. O plano de trabalho deve dar destaque sobretudo a dois aspectos da reflexão: a questão do **tempo histórico** e o **papel dos interlocutores** no campo artístico.

ATIVIDADES PARA O GRUPO 2

1. Leia esta questão, apresentada no Enem de 1999.

Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens já lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem a denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

I. *Quando nasci, um anjo torto*

Desses que vivem na sombra

Disse: Vai, Carlos! Ser 'gauche' na vida

(ANDRADE, Carlos Drummond de.
Alguma poesia. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964)

II. *Quando nasci veio um anjo safado*

O chato dum querubim

E decretou que eu tava predestinado

A ser errado assim

Já de saída a minha estrada entortou

Mas vou até o fim.

(BUARQUE, Chico. *Letra e Música*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989)

III. *Quando nasci um anjo esbelto*

Desses que tocam trombeta, anunciou:

Vai carregar bandeira.

Carga muito pesada pra mulher

Esta espécie ainda envergonhada.

(PRADO, Adélia. *Bagagem*.
Rio de Janeiro, Guanabara, 1986)

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade, em relação a Carlos Drummond de Andrade, por:

- a. reiteração de imagens.
- b. oposição de idéias.
- c. falta de criatividade.
- d. negação dos versos.
- e. ausência de recursos.

2. Identifique o que há de comum entre o objetivo dessa questão e esta competência expressa nos PCNEM:

Relacionar os discursos com contextos sócio-históricos, ideologias, simulacros e pensar os discursos em sua intertextualidade podem revelar a diversidade do pensamento humano. (p. 140)



Anexo 7

3. Considere os pré-requisitos para responder corretamente à questão, baseando-se nas alternativas fornecidas. Leve em conta gênero, conteúdo, tom do intertexto e conceito de imagem.
4. A partir dessa análise, identifique o grau de dificuldade da questão para seus alunos que estão concluindo o Ensino Médio.

Anexo 8

ATIVIDADES PARA O GRUPO 3

1. Veja o quadro e leia o poema de Drummond inspirado na tela.



A cigana adormecida, de Henri Rousseau.

Poema de Drummond

Para te acordar
do sono profundo
disfarço-me: em leão
que ao te roçar
esquece a missão.

Carlos Drummond de Andrade,
in *Arte em exposição*.
Rio de Janeiro, Record/Salamandra, 1990, p. 81.
Carlos Drummond de Andrade © 1988 Graña Drummond.

2. Leia este texto:

Há uma “diversidade de vozes” em um mesmo texto. [...] Uma entoação de voz pode transformar o sentido de um texto. A simples inversão de um adjetivo modifica o significado de uma frase. O texto literário se apropria desse jogo do possível com maestria. A propaganda faz o mesmo. (PCNEM, p. 142)

3. Assim como há uma entoação ou entonação de voz na leitura de um texto, podemos falar em uma entoação ou entonação de uma época. Valendo-se da comparação entre o texto e o quadro, que estratégia(s) poderia(m) ser utilizada(s) para demonstrar ao aluno que “uma entoação de voz pode transformar o sentido de um texto”?
4. Indique uma obra do campo das artes plásticas que possa dialogar com um texto da literatura brasileira, a sua escolha. Se possível, faça essa montagem e apresente-a para o grupo.

ATIVIDADES PARA O GRUPO 4

Texto 1

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras,
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência
Respira a alma inocência
Como perfumes a flor;
O mar é – lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho dourado,
A vida – um hino d’amor!

(O poema está datado: Lisboa, 1857)

Casimiro de Abreu, in Magaly Trindade Gonçalves et al (org.),
Antologia de antologias. São Paulo, Musa, 1995, p. 222.

Texto 2

Meus oito anos

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da Rua Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais.

Oswald de Andrade, In *Obras completas*.
Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974, v. 7, p. 162.

Texto 3

Em 1982 encenou-se a peça *A aurora da minha vida*, do dramaturgo Naum Alves de Souza. O crítico Sábado Magaldi viu a peça desta forma:

“Naum teve o cuidado de pesquisar os poemas antológicos transmitidos na escola, bem como os hinos de diferentes inspirações, encarregados de moldar a personalidade. [...] O espectador ri o tempo inteiro, estimulado ainda, talvez pelo reconhecimento de passagens semelhantes em sua biografia.”

Tarefa

1. Considere os trechos seguintes dos PCNEM e os objetivos neles explícitos ou implícitos:

No Parecer do CNE, destaca-se a questão da formação ética, estética e política na e pela língua, vista como formadora de valores sociais e culturais. (p. 138)

Recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial. (p. 145)

2. Utilizando os textos e a informação sobre a peça teatral, elabore um exercício que privilegie o estudo da intertextualidade, de forma que os objetivos expostos acima sejam atingidos.

ATIVIDADES PARA O GRUPO 5

1. Leia esta passagem dos PCNEM:

Tomemos como exemplo um acontecimento escolar. A professora ensinou que “azul, verde, branco, as cores em geral” eram adjetivos e solicitou que os alunos construíssem frases com as palavras. Um dos alunos escreveu: “O azul do céu é bonito. O branco significa paz etc”. Logicamente, um X foi colocado sobre as frases. O porquê, o aluno nunca soube. (p. 137)

2. Numa sala de aula, o professor ensinou que paródias são textos dotados de humor e exemplificou com a seguinte letra de música, sem revelar o texto gerador da paródia:

Mamãe Coragem

Caetano Veloso e Torquato Neto

Mamãe, mamãe não chore
 A vida é assim mesmo eu fui embora
 Mamãe, mamãe não chore
 Eu nunca mais vou voltar por aí
 Mamãe, mamãe não chore
 A vida é assim mesmo eu quero mesmo é isto aqui
 Mamãe, mamãe não chore
 Pegue uns panos pra lavar, leia um romance
 Veja as contas do mercado, pague as prestações
 Ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos
 Seja feliz, seja feliz
 Mamãe, mamãe não chore.

3. Este é o texto gerador da paródia:

Ser mãe

Coelho Neto

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
 o coração! Ser mãe é ter no alheio
 lábio que suga, o pedestal do seio,
 onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra
 sobre um berço dormindo! É ser anseio,
 é ser temeridade, é ser receio,
 é ser força que os males equilibra!

In Magaly Trindade Gonçalves et al (org.),
Antologia de antologias. São Paulo, Musa, 1995, p. 336.

4. Alguns alunos, que não conheciam o texto gerador da paródia, confessaram não ter identificado qualquer traço de ironia ou humor.
5. Crie um exercício para tentar recuperar para os ‘alunos’ a intenção do texto de Caetano e Torquato Neto.

O espaço da Língua Portuguesa na escola é garantir o uso ético e estético da linguagem verbal; fazer compreender que pela e na linguagem é possível transformar/reiterar o social, o cultural, o pessoal; aceitar a complexidade humana, o respeito pelas falas, como parte das vozes possíveis e necessárias para o desenvolvimento humano, mesmo que, no jogo comunicativo, haja avanços/retrocessos próprios dos usos da linguagem; enfim, fazer o aluno se compreender como um texto em diálogo constante com outros textos. (PCNEM, p. 144 – grifo nosso)

O trecho destacado pode ser uma boa síntese do que se pretende com o trabalho de intertextualidade: o aluno se conscientizar de sua condição de um intertexto vivo, capaz de referendar, citar, parafrasear os discursos estabelecidos ou negociar sentidos, desmontá-los, sempre criando intertextos novos, num exercício constante de diálogo (a que os PCN chamam de 'jogo comunicativo'), em que a identidade de cada um se instaure a partir da herança social e cultural comum.

No mundo globalizado, esses intertextos, por sua vez, se inserem num hipertexto a que a escola deve garantir, ao mesmo tempo, acesso e condição de preservação da marca histórica, social e individual de seus alunos.

Nos PCNEM essa idéia está referendada:

O ponto de vista, qualquer que seja, é um texto entre textos e será recriado em outro texto, objetivando a socialização das formas de pensar, agir e sentir, a necessidade de compreender a linguagem como parte do conhecimento de si próprio e da cultura e a responsabilidade ética e estética do uso social da língua materna. (p. 144)

MÓDULO 3

ENSINO DE GRAMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES

Não cabe à instituição de ensino a simples substituição da norma coloquial usada na língua funcional do aluno pela norma culta usada na língua funcional da escola. [...] caberá ao professor e à escola como um todo transformar o aluno num poliglota dentro da sua própria língua histórica – a portuguesa, em nosso caso.

Evanildo Bechara

Tempo previsto: 16 horas

Finalidades do Módulo

- Reavaliar o ensino da gramática para integrá-la na comunicação como instrumento efetivo.
- Trabalhar com a gramática a partir de situações práticas de uso da língua.
- Reavaliar o conceito de **erro**, valendo-se de estudos lingüísticos e gramaticais contemporâneos.
- Demonstrar ao aluno a importância da aquisição da norma considerada culta como fator de possível inserção social, sem desrespeitar as demais variedades lingüísticas.
- Construir ou mobilizar as competências e habilidades de:
 - identificar e analisar as várias dimensões da linguagem, redimensionando o alcance do que se costuma considerar como 'norma culta';
 - articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua, oral e escrita, e seus códigos sociais, contextuais e lingüísticos.

Conceitos

- Norma culta.
- Gramática natural, descritiva e normativa.
- Erro.

Materiais necessários

- Lousa e giz.
- Caderno, lápis e caneta.
- PCNEM.
- Anexos do Módulo 1 de Língua Portuguesa.

Dinâmica de trabalho

Atividade 1

- Distribua o Anexo 1 (páginas 100-101) para leitura individual.
- Após a leitura, comente com os professores que, na obra *Língua e liberdade – por uma*

nova concepção da língua materna (leitura fundamental para professores de Português), Celso Pedro Luft transcreve e analisa essa mesma crônica. Em sua análise, o autor afirma que “[...] a língua deve ser vista, analisada e ensinada como entidade viva”.

Incentive os professores a expressar sua opinião a respeito da colocação de Luft, relacionando essa afirmativa com passagens da crônica.

- Peça aos professores para identificarem, na crônica, o trecho diretamente relacionado a este fragmento dos PCNEM:

[As finalidades do domínio da língua...] devem visar a um saber lingüístico amplo, tendo a comunicação como base das ações. Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. (p. 138)

- Escreva na lousa para os professores pesquisarem:

a. duas regras da gramática normativa (relacionadas sobretudo à fonética e à morfologia), além das implícitas no texto, que contrariam a índole do português falado e escrito no Brasil;

b. uma ocorrência considerada errada pela gramática normativa que sirva para ilustrar esta passagem da crônica: “A sintaxe é uma questão de uso, não de princípio”.

- Copie na lousa (ou em um cartaz) esta reflexão:

[...] que fique claro: não se trata agora de incentivar um preconceito contra o domínio dessas formas escorregadas. Não se trata de achar agora que aqueles que utilizam formas mais antigas é que estão errados.

Sírio Possenti, in *Por que (não) ensinar gramática na escola*.
Campinas, Mercado das Letras, 2000.

Em seguida, comente que o texto de Veríssimo, em um certo trecho, pode estimular um preconceito desse tipo. Peça para identificarem e discutirem esse trecho.

- Para finalizar, peça para o grupo tentar responder à seguinte pergunta de Celso Luft, em seus comentários da crônica de Veríssimo:

Haveria, naquela crônica, realmente um “insidioso desrespeito pela Língua, pela Gramática”, como afirmou um dos artigos de preocupados conservadores?

Celso Pedro Luft, *op. cit.*

Atividade 2

- Entregue o Anexo 2 (páginas 101) a grupos de três pessoas para lerem em conjunto.
- Oriente cada grupo no sentido de identificar as ocorrências que a gramática normativa consideraria como erros no texto do Anexo e, sempre que possível, agrupar esses erros em categorias.

O grupo certamente identificará as seguintes ocorrências:

1. **Grafia:** *estingue, por extingue; mantem, por mantém; cançada, por cansada; hontem, por ontem; escencial, por essencial; lumbriga, por lombriga.*
2. **Sintaxe:** *“os políticos estingue” (concordância); na mesma construção, o uso do indicativo pelo subjuntivo; “os que [...] vive”; “há as mulheres que os esposos adoecer”.*

- Terminado o levantamento, escreva no quadro-negro:

Toda infração à norma tem explicação lingüística, excetuando os casos patológicos.

Solicite aos professores que, com base nessa afirmativa, analisem oralmente cada ocorrência do texto estudado, considerando que:

- a. em qualquer língua, a escrita nunca representa a fala com exatidão;
- b. o raciocínio por analogia pode induzir a erros;
- c. erro de grafia tornou-se sinônimo de 'erro de português', equivalência cuja legitimidade é questionável.

■ Em seguida, narre esta situação:

- *Um professor diz ao aluno: "Você pode **falar** 'lumbriga', 'isposa', 'maridu', mas deve **escrever** 'lombriga', 'esposa', 'marido'".*
- *Outro professor insiste para que o mesmo aluno 'corrija' a pronúncia.*

Proponha que os grupos discutam a situação, com base nas afirmativas abaixo. Cada grupo deve escolher um relator, para expor de forma sintética suas conclusões.

- a. O primeiro professor está trabalhando com gramática descritiva e normativa.
- b. O segundo professor precisa rever o conceito de erro.
- c. Ortografia deve ser objeto de estudo sistemático e contínuo.

Leve sempre em conta que a exigência da correção ortográfica, estabelecida por lei, deve servir de garantia para a compreensão das palavras, mas jamais se transformar em maneira de estigmatizar o discurso e seu autor. O ponto de partida deve ser o repertório do aluno. Além do mais, as pronúncias citadas não constituem erro: são variantes previstas na língua.

■ Proponha que se faça a análise dos problemas sintáticos do texto lido, considerando a afirmativa geral ("Toda infração à norma tem explicação lingüística, excetuando os casos patológicos"), e também dos seguintes tópicos:

- a. Tanto na fala quanto na escrita, redundâncias sintáticas tendem a ser eliminadas pelo falante não-escolarizado.
- b. A hesitação do narrador entre duas construções ("os que... vive" / "demonstram") decorre da tentativa de se adequar à norma culta.
- c. Nem mesmo os falantes tidos como cultos cumprem todas as exigências da chamada 'norma culta'. Nesse aspecto, o quadro de pronomes exposto pela gramática normativa merece uma revisão, pelo menos no universo da língua falada.

Discuta com os professores a rejeição ao pronome 'cujo' na língua falada, e muitas vezes também na escrita.

■ A partir das conclusões do grupo, proponha aos professores que comentem esta passagem dos PCNEM:

A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa-de-força incompreensível. (p. 137)

■ Aproveitando o texto de Carolina Maria de Jesus, sugira aos grupos que elaborem um exercício para ser aplicado em sala de aula tendo por objetivo a aquisição de uma habilidade ou uma competência que considerem importante no estudo da Língua Portuguesa.

Conceitos: gramática; lingüística; gramaticalidade.

Competência: considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas nas formas de sentir, pensar e agir na vida social.

Atividade 3

- Distribua o Anexo 3 (página 102) para todos os professores e divida a sala em grupos de seis pessoas.
- Dê um tempo para todos lerem e comentarem livremente os dois textos do Anexo.
- Distribua o Anexo 4 (página 103): ele apresenta um roteiro para analisar os dois textos lidos no Anexo 3. Dê um tempo para os professores realizarem essa tarefa.
- Encaminhe a socialização das conclusões, sintetizadas pelo relator de cada grupo.

Conceitos: gramática normativa; erro.

Competência: articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e a escrita em seus códigos sociais, contextuais e lingüísticos.

Atividade 4

- Mantenha os grupos formados e distribua para leitura o Anexo 5 (páginas 103-105). Terminada a leitura, deixe comentarem oralmente, à vontade.

Chame a atenção para a nota de rodapé do texto.

- Após uma rodada de comentários, distribua o Anexo 6 (páginas 105-107) e peça para os grupos executarem a tarefa, de acordo com o roteiro proposto. Circule entre os grupos, orientando a atividade.
- Escreva na lousa (ou em um cartaz) as duas afirmativas abaixo, que deverão orientar as conclusões.

As mudanças no ensino da gramática dependem de conhecimento profundo da mesma – capacidade que todo professor de Português deve possuir – e do conhecimento da realidade em que se trabalha.

Há estereótipos educacionais complexos e difíceis de serem rompidos, como no caso do ensino das classificações apriorísticas de termos gramaticais. Nada contra ensiná-las. O problema está em como ensiná-las, em razão do ato comunicativo. (PCNEM, p. 139)

- Peça para cada grupo elaborar um exercício relacionado ao tema do módulo, sem fornecer as respostas, utilizando um ou mais textos do Anexo 6. Quando todos terminarem, diga para trocarem os exercícios entre si e uns resolverem as tarefas dos outros. Encerre a atividade com um painel.

Conceitos: gramática normativa; ciência versus 'achismo'.

Competência: compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Atividade 5

- Distribua o Anexo 7 (páginas 107-108) para leitura individual.
 - Proponha o tópico abaixo para discussão em grupo e registro da síntese feita.
Assim como os viajantes 'analisaram' a fala do indígena, até hoje há um discurso social reverberante, que a tradição literária e os veículos de massa registram, segundo o qual "nós falamos errado a língua portuguesa"; "brasileiro não fala bem o português". A que se deve essa imagem que o brasileiro faz de si mesmo?
 - Peça para um representante de cada grupo expor a síntese.
 - Apresente cada um dos preconceitos abaixo, para comentário oral:
 - a. "A norma (cultura, da classe de prestígio) constitui o Português correto; tudo que foge à norma representa um erro."
 - b. "O bom Português é aquele praticado em determinada região. [...] o Português de Portugal é mais correto do que o do Brasil [...]."
 - c. "O bom Português é aquele exemplificado nas chamadas épocas de ouro da literatura. Depois dos clássicos, veio a decadência da língua."
 - d. "Entre a multiplicidade de formas de expressão, só uma é correta e todas as demais são erradas."
- Texto extraído de: Luiz Carlos Travaglia. *Gramática e interação – uma proposta para o ensino de gramática no 1º. e 2º. graus*. 2. ed., São Paulo, Cortez, 1997.
- Se achar que é o caso, peça para os professores comentarem e discutirem outros preconceitos lingüísticos.

Atividade 6

- Entregue o Anexo 8 (página 109) e diga para os professores lerem todos os textos, prestando atenção à procedência de cada um.
- Levante depois estas questões:
 - a. Existe atualmente alguma descrição abrangente e bem fundamentada da norma culta do português brasileiro?
Lembre-se de mencionar a obra "Gramática do português falado", já no sétimo volume, escrita por pesquisadores da Unicamp e publicada pela editora daquela universidade.
 - b. Como proceder se o aluno questionar a correção efetuada pelo professor, no Texto 1, contestando: "Mas ninguém escreve assim..."? Sugira que cada professor formule uma solução para explicar ao aluno a infração cometida, baseando-se na reflexão de Perini, exposta no Texto 6 (texto que não deverá ser fornecido ao aluno).

O ensino de gramática: um exercício de reflexão

O descompasso entre o ensino de gramática e sua realização na produção de texto torna necessária uma reflexão mais contundente sobre a abordagem desse tema, se levarmos em conta que:

[...] o caráter sócio-interacionista da linguagem verbal aponta para uma opção metodológica de verificação do saber lingüístico do aluno, como ponto de partida para a decisão daquilo que será desenvolvido, tendo como referência o valor da linguagem nas diferentes esferas sociais. (PCNEM, p. 139)

Para encerrar, recolha os Anexos.

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes do Farroupilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de português: saber se eu considerava o estudo da gramática indispensável para aprender ou usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabela diariamente com as suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão”! “Culpa da revisão”!). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, iluminar, divertir, comover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com a Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de Latim, gente em geral pouco comunicativa.[...] É o esqueleto que nos traz de pé, certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua mas sozinha não diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em Português. Mas – isto eu disse – vejam vocês, a intimidade com a gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar de minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas a exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que os outros já fizeram com elas. Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão. Não merecem o mínimo respeito.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas

palavras seria tão ineficiente quando um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos, etimologistas e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A gramática precisa apañhar todos os dias para saber quem é que manda.

Luis Fernando Verissimo, *O gigolô das palavras*
(crônicas selecionadas e comentadas por Maria da Glória Bordini).
4. ed., Porto Alegre, L & PM, 1982, pp. 10-12.

Quarto de despejo

[...] Estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui. Espero que os políticos estingue as favelas. Há os que prevalecem de meio em que vive, demonstram valentia para intimidar os fracos. Há casa que tem cinco filhos e a velha é quem anda o dia inteiro pedindo esmola. Há as mulheres que os esposos adoecem e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os esposos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca mais.

[...] Hoje não saí para catar papel. Vou deitar. Não estou cansada e não tenho sono. Ontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja falta para o essencial. O que eu reprovo nas favelas são os pais que mandam os filhos comprar pinga e dá as crianças para beber. E diz:

– Ele tem lumbriga.

Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. 2. ed., São Paulo, Ática, 1995, pp. 17-18.

Observação

O livro *Quarto de despejo* foi produzido a partir de cadernos em que uma favelada, que vivia de catar papéis, anotava seu dia-a-dia. Enquanto fazia uma matéria na favela do Canindé, o jornalista Audálio Dantas conheceu Carolina Maria de Jesus, que lhe mostrou vinte cadernos encardidos que guardava em seu barraco. Dos textos, selecionados, ficaram os recortes mais significativos. O jornalista afirma: “Mexi na pontuação assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha”.

Anexo 3

Texto 1

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Oswald de Andrade, in *Literatura comentada*.
São Paulo, Abril Educação, 1980, pp. 22-3.

Texto 2

Certos casos da política, de tão inacreditáveis, acabam virando parte do anedotário. Ou vice-versa: algumas piadas traduzem tão bem determinadas características da cultura política, que assumem ares de verdade.

Em uma das hipóteses se encaixa a correspondência trocada, cerca de 20 anos atrás, entre o prefeito de Bom Sucesso (MG) e o então secretário estadual do interior, Ovídeo Abreu.

Conta o deputado Elias Murad (PSDB-MG) que Abreu sempre gostou de falar difícil. Numa certa ocasião, o secretário recebeu a informação de que Bom Sucesso (MG) sofreria um tremor de terra capaz de quebrar copos e trincar pratos. Preocupado, expediu rapidamente um telegrama ao prefeito: "Movimento sísmico previsto essa região. Provável epicentro movimento telúrico sua cidade. Obséquio tomar providências logísticas cabíveis".

O secretário esperou ansioso pela resposta. Quatro dias depois chegava o telegrama do prefeito: "Movimento sísmico debelado. Epicentro preso, in-comunicável, cadeia local. Desculpe demora. Houve terremoto na cidade".

Folha de S. Paulo, 24/11/1992, p. 1-4

Roteiro para discussão dos textos

1. Os dois textos anteriores trabalham com as diferenças entre norma culta e coloquialismo. Essas diferenças, quando surgem em sala de aula, são geralmente utilizadas pelos alunos para questionar o ensino da gramática. Como se poderia conduzir essa discussão com os discentes? Um relator anota as conclusões do grupo.
2. O poema de Oswald de Andrade foi escrito na época do Modernismo. Apesar de até hoje se considerar o rigor na colocação pronominal como um dos requisitos para o bem escrever, pouca gente obedece às regras da gramática normativa nesse particular. O grupo formula explicações para os dois fatos:
 - a. a ocorrência constante dessas infrações;
 - b. o motivo da valorização desse item da gramática normativa.
3. Ao comentar o Texto 2, considerar este trecho dos PCNEM:

[...] a interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo. (p. 139)
4. No Texto 2, a linguagem utilizada pelo secretário do Interior é vista como típica da cultura política. Sabemos, no entanto, que procurar falar difícil não é uma exclusividade dos políticos. Que diferença fundamental há entre “respeitar a norma culta” e “falar difícil”?

Uma revolução linguística*

*O computador está conseguindo o que os burocratas não querem:
revolucionar a língua*

Leia o título de novo. Eu sei que ele está errado – falta acento, falta trema, falta cedilha, mas... você entendeu. Não entendeu? Vamos encarar os fatos: a língua portuguesa não morreu. Mas começa a cheirar mal. Esqueça se ela é bonita, ou se é rica, ou se é autêntica. Esqueça as emoções, esqueça o nacionalismo irracional que nos implantam desde que nascemos. Em termos bem práticos – para que serve a língua portuguesa, agora? Já temos uma presença geográfica limitada: Portugal, Cabo Verde, Angola. A desagregação de Moçambique faz com que cada vez mais moçambicanos adotem o inglês da



vizinha República Sul Africana. Timor, que fazia as honras da língua portuguesa na Ásia, foi destruída pela truculência indonésia. Ah, temos Macau, ainda, mas se nem Hong Kong resistiu...

E o Brasil? Todos sabemos o que está acontecendo: ao lado da língua oficial convive uma língua paralela, o inglês. O que deveria ser motivo de comemoração (ter uma população parcialmente bilíngüe) é considerado uma vergonha nacional. Os intelectuais de sempre aparecem para denunciar que a cultura brasileira está sendo devorada pelo “imperialismo” e precisa ser salva, se possível por alguma repartição pública. O que esses intelectuais não entendem, e jamais entenderão, é que a história da linguagem humana obedece a leis naturais e dinâmicas. O inglês tornou-se a língua planetária, entre outras coisas, porque é objetiva, simples, econômica.

E o português? Nossos filhos passam alguns de seus mais produtivos anos escolares decorando uma língua que jamais falarão. Uma língua prolixa ao extremo, que conjuga seus verbos em um zilhão de modos diferentes. É um mastodonte atolado em regras, fragilizado num ecossistema cada vez mais hostil. Pense no espanhol. Eu tive um sinal de que o espanhol sobreviveria quando vi Arnold Schwarzenegger dizendo “Hasta la vista, baby”, em Terminator-2. Enquanto os franceses se negam a falar outra coisa que não seja o francês (ridículas leis impedem chamar um hambúrguer de hamburger), os hispânicos relaxam e o espanhol está mais forte.

A BBC World mostrou uma reportagem curiosa sobre o nascimento de uma nova língua – o spanglish. As pessoas passavam do inglês para o espanhol e vice-versa com toda a naturalidade. Nada de leis protecionistas. A língua, como o computador e o carro, é apenas um instrumento a serviço do homem. E não um objeto de culto religioso.

Aliás, o que tem a ver esse papo todo sobre lingüística com uma revista de informática? Acontece que, ou a língua portuguesa muda radicalmente, ou entra em coma. E essa revolução não pode ficar nas mãos de acadêmicos e burocratas da língua. Como qualquer mudança verdadeira, deve ser espontânea e com objetivos muito práticos. Essa revolução está nascendo – e o fórceps chama-se e-mail. Por razões técnicas, trocar mensagens por e-mail usando o português “correto” é arriscado. O software do outro lado pode reconhecer a floresta de acentos e sinais gráficos – ou não. O “ã” que você envia pode chegar do outro lado como um símbolo gráfico completamente irreconhecível. Os “á”, “à”, “ê”, “ç”, “ü” podem virar “γ”, “δ”, “Ο”, “Φ” ou “Σ”.

A saída para não mandar uma mensagem truncada e incompreensível é não arriscar. E simplesmente escrever sem qualquer acento. Como na língua inglesa, o significado da palavra será reconhecida no contexto da frase. Achar que o leitor não vai entender que “revolucao” quer dizer “revolução” é chamar o leitor de estúpido. Ou estúpido. Qual a diferença? Ou diferença? Regras exis-



tem para alguma coisa. Assim é para a língua, assim é para a Constituição. O e-mail veio para ficar, e já está ajudando a tentar tirar a língua portuguesa da UTI da História. A própria lógica objetiva da informática está exigindo que brasileiros aprendam noções básicas de inglês. “Setup” será sempre uma palavra mais fácil de se dizer e usar do que “configuração”, assim como “download” é mais simples e direta do que “importar arquivos através da linha telefônica”. Estamos caminhando para um portuglish, uma mistura dinâmica de português com inglês, e nossa cultura só tem a ganhar com isso. Caminhamos também para um português mais objetivo, mais simples, mais adaptado aos novos tempos. Para os guardiões da tradição, é uma péssima notícia. Para o resto de nós, não.

* Quando este artigo foi publicado, os programas de texto empregados no e-mail não apresentavam alguns recursos gráficos de nossa língua, como acentos e cedilha. Atualmente, esse problema já não existe.

Dagomir Marchezzi, in *Revista Informática Exame*.
São Paulo, Abril, ano 10, n. 134, maio de 1997, p. 23.

1. Refutar, por meio de argumentos científicos, as afirmações do jornalista a respeito de língua e gramática.
2. De que forma a informação da nota de rodapé neutraliza a argumentação do jornalista?
3. Partindo da síntese das respostas anteriores, cada grupo formula um exercício para seus alunos, tendo como objetivo conscientizá-los destes dois princípios:
 - a. a língua funciona como [...] “integradora da organização do mundo e da própria identidade”. (PCNEM, p. 144)
 - b. a língua, na sua atualização, “representa e reflete a experiência em ação, as emoções, desejos, necessidades, a visão de mundo, valores, pontos de vista”. (PCNEM, p. 143)
4. O exercício deverá empregar, necessariamente:
 - I. Pelo menos dois destes segmentos do texto de Marchezzi:

a. Uma revolução linguística

Leia o título de novo. Eu sei que ele está errado – falta acento, falta trema, falta cedilha... mas você entendeu. Não entendeu? Vamos encarar os fatos: a língua portuguesa não morreu. Mas começa a cheirar mal. Esqueça se ela é bonita, ou se é rica, ou se é autêntica. Esqueça as emoções, esqueça o nacionalismo irracional que nos implantaram desde que nascemos. Em termos bem práticos – para que serve a língua portuguesa agora?



Anexo 6

- b. A língua, como o computador e o carro, é apenas um instrumento a serviço do homem.
- c. O inglês tornou-se a língua planetária, entre outras coisas, porque é objetiva, simples, econômica.

II. Esta capa de revista



Veja, 26/4/2000.

III. Um destes textos:

a. Fragmento de romance:

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu? onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara, o pé grácil e nu, mal roçando alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

José de Alencar, *Iracema*. São Paulo, Ática, 1992, p. 16.



b. Letra de música:

Iracema voou

Iracema voou
Para a América
Leva roupa de lã
E anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
Tem saído ao luar
Com um mímico
Ambiciona estudar
Canto lírico
Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará
Mas não muita
Uns dias, afoita
Me liga a cobrar:
– É Iracema da América.

Chico Buarque de Holanda, *As cidades*, 1998.

Texto 1

A língua de que usam, toda pela costa, é uma [...] Alguns vocábulos há nela de que não usam senão as fêmeas, e outros que não servem senão para os machos: carece de três letras, convém a saber, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei e desta maneira vivem desordenadamente...

Pero de Magalhães Gandavo,
História da Província de Santa Cruz. Século XVI.

Observação

O comentário sobre a língua dos indígenas acaba produzindo, erroneamente, um juízo de valor sobre a organização social dos mesmos. Muitas vezes a raiz do preconceito reside nesse tipo de relação.

Texto 2

Fala de Cirino, personagem do romance *Inocência*, do Visconde de Taunay, publicado pela primeira vez em 1872:

“Agora, amigo meu, disse o moço depois de pequena pausa, estou às suas ordens. Podemos ver a sua doentinha e aproveitar a parada da febre *para mim** atalhá-lha de pronto. Em tais casos, não gosto de adiamentos.”

* É este erro comum no interior de todo o Brasil e sobretudo nas províncias de São Paulo, onde pessoas até ilustradas nele incorrem com frequência. (Nota de Taunay)

No texto, esta e muitas outras ocorrências que registram a fala do sertanejo vêm em itálico, algumas comentadas pelo próprio autor.

Texto 3

Fragmento de entrevista da cantora Fernanda Abreu para a *Folha de S. Paulo*

Folha E você pretende levar sua produção para esse pessoal, fazendo shows, por exemplo, em clubes funk?

Fernanda Sem dúvida. Quero fazer um show agora na quadra da Império Serrano. O bacana é esse crossover (fusão). O cara da favela cantar “Eu só quero é ser feliz, andar tranqüilamente na favela onde eu nasci”, tá tudo limpo. Agora, a menina do condomínio da Barra da Tijuca cantar isso é que é bacana. Tem gente que fala: “Pô, como é que você pode achar legal o funk carioca, neguinho que fala errado o português?”. [...]

Folha de S. Paulo, 27/11/1995, p. 6-5 (grifo nosso).

Texto 4

Carta de leitor para a “Revista da Folha”

Yankees go home!

Cerca de 95% das placas e anúncios ostentam palavras em inglês. Cerca de 95% das camisetas, idem. Enfim, é inglês por toda a parte. Será que é por isso que cerca de 95% dos brasileiros não sabem português?

“Revista da Folha”, *Folha de S. Paulo*, 23/11/1997, última página (grifo nosso).

Texto 1

Texto de aluno (ficcional):

Quando já estava na hora dela voltar e nada aconteceu, ficamos preocupados.

O professor assinalou a construção “dela voltar” e fez a correção: “de ela voltar”.

Texto 2

Era capaz dela ficar com pena e mandar até mais do que manda. Só que não tenho coragem de arriscar...

Jorge Amado, *Tieta do Agreste*.
Rio de Janeiro, Record, 1977, p. 23 (grifo nosso).

Texto 3

Sacchi definiu o seu atleta como “excepcional” e não quis discutir a possibilidade dele ficar fora da final.

Folha de S. Paulo,
14/7/1994. p. 4-8 (grifo nosso).

Texto 4

A preposição que rege o sujeito de um infinitivo não deve combinar com esse sujeito. Assim, estão incorretas construções como “É hora do almoço estar pronto” (É hora de o almoço estar pronto); “Não há necessidade deles irem agora” (Não há necessidade de eles irem agora).

Regra preservada pela gramática normativa.

Texto 5

A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/ escrever/ler melhor se transforma em uma camisa-de-força incompreensível. (PCNEM, p. 137)

Texto 6

O estudioso Mário Perini, em *Gramática descritiva do Português*, afirma que o professor de gramática não deve ser “dispensado da formação científica que se exige de um professor de biologia ou de psicologia [...]”, mas que “é definitivamente necessário conceber a gramática como uma disciplina viva, em revisão e elaboração constante” (pp. 16-17).

MÓDULO 4

TEXTO, IMAGINÁRIO E PATRIMÔNIO CULTURAL

Walker Connor corrigiu o clichê que classificava o homem como 'um ser racional' preferindo considerá-lo como 'um ser nacional'. Na verdade, essas concepções de pertença a comunidades não são apenas mentalmente concebidas porque são acima de tudo sentidas, experienciadas.

Onésimo Teotônio Almeida, in.
<http://www.ipn.pt/literatura/letras/ensaio60/htm>

Tempo previsto: 16 horas

Finalidades do Módulo

- Trabalhar criticamente, por meio da literatura, o conceito de identidade nacional.
- Enfatizar, junto aos alunos, o respeito às diferenças culturais plasmadas nas variadas criações estéticas, abordando-as de acordo com sua contribuição ao imaginário coletivo, e não pelo que possam apresentar de 'pitoresco' ou 'exótico'.
- Trabalhar com variedades lingüísticas, de forma a garantir amplo contato com os vários significados culturais e sociais implícitos na língua e em seu uso.
- Construir ou mobilizar as competências e habilidades de:
 - ler e selecionar diferentes textos que, pela presença de elementos recorrentes de nosso imaginário coletivo, despertem a reflexão sobre a brasilidade;
 - usufruir do patrimônio nacional e internacional, com suas diferentes visões de mundo;
 - construir categorias de diferenciação, apreciação e criação.

Conceitos

- Imaginário coletivo.
- Diversidade.
- Clichê.

Materiais necessários

- Lousa e giz.
- Anexos do Módulo 4 de Língua Portuguesa.
- Caderno, lápis e caneta.
- PCNEM.

Dinâmica de trabalho

Atividade 1

- Organize a turma em grupos de três a cinco participantes e escreva na lousa:

O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos.

Dênis de Moraes

- Em seguida, peça para cada professor citar um símbolo, ritual ou mito de que a literatura tenha se apossado como assunto ou tema, e vá anotando na lousa um resumo das respostas.
- Se nenhum participante mencionar o tema 'caipira', apresente esse conceito para introduzir o passo seguinte.
- Solicite a cada professor sua interpretação do termo 'jeca' e registre alguns significados na lousa.
- Distribua então o Anexo 1 (página 115) e dê um tempo para os participantes lerem os textos. Converse com o grupo, discutindo a razão pela qual a palavra 'caipira' apresenta tantos sinônimos – ou seja, leve-os a analisar a extensão semântica do termo. Coloque em discussão o preconceito que os termos 'jeca', 'caipira' e sinônimos despertam em determinados contextos.
- Entregue o Anexo 2 (página 116) para lerem e comentarem à vontade. A seguir, proponha que façam a articulação entre os três textos do Anexo observando os seguintes pontos:
 - a. Identificar a permanência da criação de Lobato na região em que atuam profissionalmente, e os traços contemporâneos dessa criação.
 - b. Analisar o efeito de desmontagem instaurado pelo texto de Gil, ao dialogar com a criação de Monteiro Lobato.
 - c. Enumerar as revelações que esse verdadeiro símbolo permite deduzir a respeito do que "está por trás da organização da sociedade" (Texto 2 do Anexo).
 - d. Comentar a tendência atual, comum nos veículos de massa, a 'glamourizar' o símbolo, visando sua inserção num universo cultural tido como cosmopolita e provocando uma falsa equivalência de conceitos (do 'caipira' ao 'country').
- Peça para os grupos fazerem uma síntese de sua discussão e, em seguida, oriente a apresentação dessas sínteses em um painel.

Conceito: o funcionamento discursivo do clichê.

Competência: recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo.

Atividade 2

- Distribua o Anexo 3 (páginas 117-118) para os professores lerem e comentarem.
- Discuta com o grupo o procedimento social do qual resultou a incorporação, pelo imaginário coletivo, de traços – reais ou não – da cultura indígena, enfeixados na expressão 'programa de índio'. Compare esse procedimento com aquele que levou à ampliação do sentido do termo 'jeca'.

Se achar que é o caso, discuta a questão da língua como potencial meio de veiculação e manutenção de diversos preconceitos.
- Sintetize o modo de participação do índio na formação da raça, de acordo com a visão expressa no poema de Oswald de Andrade.
- O resultado da intertextualização feita por Oswald de Andrade sobre o texto de Gonçalves Dias é uma paródia. Procure analisar como funciona a paródia na desconstrução de uma imagem e, portanto, de um significado social.

Conceitos: funcionamento discursivo do clichê; preconceito; paródia.

Competência: recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo.

Atividade 3

- Distribua o Anexo 4 (páginas 118-120) para leitura.
- Peça para os professores identificarem uma passagem do Texto 2 que esteja relacionada com o Texto 1, de Machado de Assis. Coloque a seguinte questão:
Por serem textos, nenhum dos dois é cópia do real. No entanto, um deles ativa de forma mais contundente – com imagens mais expressivas – o aspecto simbólico do imaginário. Explique como se dá isso no texto literário.
- De acordo com a resposta obtida, procure discutir o alcance da literatura na construção do imaginário. Comece pela análise do emprego das frases do Texto 3:
Muitas pessoas que empregam essas expressões nunca leram Camões, Bandeira ou Drummond – nem sequer ouviram falar neles. Por quê?
O Texto 4 do mesmo Anexo fornece subsídios para essa resposta.
- Para finalizar, peça para os professores darem exemplos de outras expressões de uso corrente cuja origem esteja na literatura, ou que foram incorporadas por ela no circuito autor-obra-público.

Atividade 4

- Entregue para leitura o Anexo 5 (página 121), que trata de provérbios. Os provérbios e as frases feitas, que fazem parte da estratégia de conversação de muitos usuários da língua, cristalizam traços do imaginário coletivo.
- Proponha aos professores que citem provérbios e frases feitas relacionados ao tema 'trabalho'. Vá fazendo o registro na lousa.

Alguns exemplos, para estimular a atividade:

- Deus ajuda a quem cedo madruga.
- Faça o que eu mando, e não o que eu faço.
- Gente boba é trabalho dos outros.
- Mãos demais, trabalho de menos.
- Não há atalho sem trabalho.
- O trabalho dignifica, o que avilta é o salário.
- Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer.
- A aranha vive do que tece.
- A preguiça anda tão devagar que a miséria a alcança.
- Abelha atarefada não tem tempo pra tristeza.
- Água parada não move moinho.
- Batendo ferro é que se vira ferreiro.
- Nem só de pão vive o homem.

- Quem não trabaça não manduca. (Quem não trabalha não come.)
- Quem quer colher tem de plantar.

■ Promova a análise dos provérbios e pergunte depois:

Em um trecho do texto de Roberto Pompeu de Toledo, no Anexo 4, o autor afirma: “Este é um país formado na concepção de que trabalho é algo que se obriga outro a fazer [...]”. O material coletado endossa ou desautoriza essa frase?

Coloque também em discussão o clichê segundo o qual ‘brasileiro trabalha pouco’.

■ Oriente os professores para, reunidos em grupos de quatro, prepararem uma atividade para sala de aula a partir dos provérbios anotados na lousa, baseando-se também no Texto 2 do mesmo Anexo. A atividade deverá contribuir para que os alunos desenvolvam a seguinte competência:

Reconhecer, pela análise da dimensão dialógica da linguagem, pontos de vista diferentes de um mesmo objeto de estudo e formar um ponto de vista próprio. (PCNEM, p. 143, adaptação)

■ Peça para os grupos apresentarem suas propostas e promova a análise de cada uma, avaliando se atende ao objetivo previsto.

Conceitos: identidade nacional; construção e desconstrução do clichê.

Competência: compreender a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade.

Atividade 5

■ O imaginário expresso na literatura e em grande parte na tradição narrativa oral – bem como em outras artes – plasmou uma visão paradisíaca da natureza brasileira. O Anexo 6 (página 122) apresenta exemplos dessa ocorrência em dois momentos de nossa história literária. Peça para os mesmos grupos formados na atividade anterior analisarem esses textos, considerando:

- As origens do mito da superioridade brasileira em relação ao estrangeiro, em determinadas épocas de nossa história.
- O Texto 4 do Anexo, que transcreve um trecho dos PCNEM.

■ Oriente os grupos para que apresentem sua análise em forma de seminário, levantando as opiniões convergentes e as divergências. Na discussão da síntese, diga para partirem da perspectiva fornecida por esta reflexão:

A verdade material do discurso [...] é a união da materialidade histórica dos fatos com os sonhos dos produtores do discurso.

Dênis de Moraes

■ Peça então para os professores identificarem as disciplinas que poderiam integrar um trabalho conjunto sobre o tema “A idealização da natureza brasileira” e sugerirem, oralmente, atividades interdisciplinares.

Atividade 6

■ Reorganize a turma em grupos maiores (de até seis pessoas) e distribua para leitura o Anexo 7 (página 123).

- Converse com os professores, pedindo para selecionarem três elementos de nosso imaginário (com exceção dos já explorados neste Módulo) que tenham sido incorporados pela literatura, bem como sua presença em outras manifestações culturais – artes plásticas, música popular, cantigas de roda, cinema, televisão, representações circenses, folhetins, cordel, dança, festas populares, causos, solenidades etc.
- Nesse levantamento, incentive cada participante a relembrar a própria experiência, procurando privilegiar a cultura regional.
- Proponha aos grupos que façam o planejamento de uma atividade, interdisciplinar ou não, para ser desenvolvida com os alunos em um bimestre, em torno do tema “O imaginário brasileiro”. Esse planejamento deve incorporar os aspectos dos PCNEM transcritos no Texto 2 do Anexo 7.
- Reorganize a turma em grupos maiores, se possível de acordo com a identidade ou a semelhança dos elementos do imaginário escolhidos.
- Para encerrar, peça para cada grupo apresentar seu plano de atividade. Socialize a discussão, levando os participantes a avaliar a possibilidade de realizar de fato as atividades propostas.
- Se for possível realizar a atividade, sugira a montagem de um grande painel temático para ser fixado na escola.

Conceitos: todos os anteriormente citados.

Competências: todas as anteriormente citadas.

A língua é uma construção coletiva. Por isso, “o homem pode ser conhecido pelos textos que produz. Nos textos, os homens geram intertextos cada vez mais diversificados; o princípio das diferenciações encontra no social o elemento de referência”. (PCNEM, p. 142)

Para encerrar, recolha os Anexos.

Texto 1

Com *Urupês*, publicado originalmente no jornal *O Estado de S.Paulo*, em 1914, Monteiro Lobato lançava seu personagem mais famoso: o Jeca Tatu, estereótipo do anti-herói anêmico e derrotado, que criou raízes em nosso imaginário, tornando-se sinônimo de homem rural. Era uma resposta a outra imagem pré-republicana: a do homem rural aventureiro e livre.

Texto 2

Jeca: [F. red. de *jeca-tatu*.] Bras. S. 2 g. 1. V. caipira (1). Adj. 2 g. 2. V. caipira (3, 4 e 5). 3. P. ext. V. cafona (1).

[De or. controvertida; tupi, poss.]

caipira: 1. Bras. S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [Sin., sendo alguns regionais: araruama, babaquara, babeco, baiano, baiquara, beira-corgo, beiradeiro, biriba ou biriva, botocudo, brocoió, bruaqueiro, caopora, caboclo, caburé, cafumango, caiçara, cambembe, camisão, canguaí, canguçu, capa-bode, capiau, capicongo, capuava, capurreiro, cariazal, casaca, casacudo, casca-grossa, catatuá, catimbó, catrumano, chapadeiro, curau, curumba, groteiro, guasca, jeca, jacu, macaqueiro, mambira, mandí ou mandim, mandioqueiro, mano-juca, maratimba, mateiro, matuto, mixanga, mixuango ou muxuango, mococongo, moqueta, mucufo, pé-duro, pé-no-chão, pioca, piraguara, piraquara, queiheiro, restingueiro, roceiro, saquarema, sertanejo, sitiano, tabaréu, tapiocano, urumbeba ou urumbeva.

2. S. m. [...] Bras. Diz-se do caipira (1); biriba ou biriva, matuto, sertanejo. 3. Bras. Pertencente ou relativo a, ou próprio de caipira (1); biriba ou biriva, jeca, matuto, roceiro, sertanejo. 4. Bras. Diz-se do indivíduo sem traquejo social; cafona, casca-grossa. 5. Bras. Diz-se das festas juninas e do traje típico usado nessas festas. [Cf. (nas acepç. 1, 3, 4 e 5) provinciano.]

Novo Aurélio – Século XXI. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

Anexo 2

Texto 1

Jeca Total

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Presente, passado, representante da gente no Senado,
Em plena sessão, defendendo um projeto que eleva o teto
Salarial no sertão.

Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Doente curado, representante da gente na sala,
Defronte da televisão, assistindo Gabriela viver tantas cores,
Dores e emancipação.

Jeca Total deve ser Jeca Tatu,
Um ente querido, representante da gente no Olimpo
Da imaginação, imaginacionando o que seria a criação
De um ditado, dito popular, mito da mitologia brasileira:
Jeca Total.

Jeca Total deve ser Jeca Tatu,
Um tempo perdido... interessante a maneira do tempo ter perdição,
Quer dizer, se perder no correr, decorrer da história, glória,
Decadência, memória, era de aquarius ou mera ilusão.

Gilberto Gil, em *Refazenda*.

Observação

Notar o significado conotativo do título do disco que inclui essa música: *Refazenda*.

Texto 2

A rede imaginária (símbolos, mitos, alegoria...) possibilita-nos observar a vitalidade histórica das criações dos sujeitos – isto é, o uso social das representações e das idéias. Os símbolos revelam o que está por trás da organização da sociedade e da própria compreensão da história humana.

Dênis de Moraes, revista *Contracampo* n. 1,
julho/dezembro de 1997. Versão on-line.

Texto 3

Toda e qualquer análise gramatical, estilística, textual deve considerar a dimensão dialógica da linguagem como ponto de partida. O contexto, os interlocutores, gêneros discursivos, recursos utilizados pelos interlocutores para afirmar o dito/escrito, os significados sociais, a função social, os valores e o ponto de vista determinam formas de dizer/escrever. As paixões escondidas nas palavras, as relações de autoridade, o dialogismo entre textos e o diálogo fazem o cenário no qual a língua assume o papel principal. (PCNEM, p. 143)

Texto 1



Ziraldo, in "A turma do Pererê",
Almanaque n. 1.
 São Paulo, Abril, s/d, p. 82.

Texto 2

I-Juca Pirama

Da tribo pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci:
 Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do Norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi.

Gonçalves Dias,
 trecho do Canto IV de "I-Juca Pirama".

Anexo 3

Texto 3

brasil

O Zé Pereira chegou de caravela
 E perguntou pro guarani da mata virgem
 – Sois cristão?
 – Não. Sou bravo, sou forte, sou filho da Morte
 Teterê tetê Quizá Quizá Quecê!
 Lá longe a onça resmungava Uu! ua! uu!
 O negro zonzo saído da fornalha
 Tomou a palavra e respondeu
 – Sim pela graça de Deus
 Canhem Babá Canhem Babá Cum Cum!
 E fizeram o Carnaval.

Oswald de Andrade, in *Poesias reunidas*. 5.ed.
 Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, pp. 169-170.

Anexo 4

Texto 1

O vergalho

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-mas um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – “Não, perdão meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

- Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!
- Meu senhor! gemia o outro.
- Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

- É sim, nhonhô.
- Fez-te alguma cousa?
- É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na qui-



tanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

– Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

– Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!

Saí do grupo, que me olhava espantado e cochichava as suas conjeturas. Segui caminho, a desfiar uma infinidade de reflexões, que sinto haver inteiramente perdido; aliás, seria matéria para um bom capítulo, e talvez alegre. Eu gosto dos capítulos alegres; é o meu fracasso. Exteriormente, era torvo o episódio do Valongo; mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas, transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as subtilezas do maroto!

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.
Obra completa, Vol. 1. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1985, p. 582.

Texto 2

A seguir, trechos selecionados de um longo artigo de Roberto Pompeu de Toledo que trata da escravidão.

O Brasil é um país fundado sobre o trabalho forçado e o comércio de gente. Como foi isso? E o que tem a ver conosco, hoje?

Eles estavam por toda parte. Na lavoura, nas cidades. Dentro de casa, nas senzalas, fugidos no mato. Prestando serviços nas grandes cidades, como Rio de Janeiro e Salvador: vendendo água, comida, panelas, miçangas, badulaques. Exercendo ofícios especializados, como conta um observador da vida brasileira do século passado, o francês Jean-Baptiste Debret: "...o oficial de barbeiro no Brasil é quase sempre um negro ou pelo menos escravo. Esse contraste, chocante para o europeu, não impede ao habitante do Rio de entrar com confiança numa dessas lojas, certo de aí encontrar numa mesma pessoa um barbeiro hábil, um cabeleireiro exímio, um cirurgião familiarizado com o bisturi e um destro aplicador de sanguessugas."

Eles eram carregadores, também. "Carregavam tudo nesse Brasil, onde homens de qualidade se recusavam a levar o mais ínfimo pacote", escreve a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, no livro *Negros, Estrangeiros*.



Anexo 4

[...] O Brasil teve três séculos e meio de regime escravocrata, contra apenas um de trabalho livre. Três e meio para um! Ao longo desses três séculos e meio, importou 4 milhões de negros africanos, 40% das importações totais das Américas, numa das mais volumosas operações de transferência forçada de pessoas havidas na História. Este é um país formado na concepção de que trabalho é algo que se obriga outro a fazer e pessoas humanas são mercadorias.

[...] A massa dos escravos, que o senso comum costuma imaginar homogênea e até, nas visões mais românticas, solidária, era diversa e abrigava conflitos em seu seio. Em muitos episódios, emergiu o conflito entre crioulos e africanos. Em 1789 houve um levante de escravos na Fazenda Santana, em Ilhéus, Bahia, notável porque os negros amotinados deixaram um documento contendo suas reivindicações ao proprietário, Manuel da Silva Ferreira. “Meu senhor, nós queremos paz, e não queremos guerra”, começa o documento. Em seguida os revoltosos, que durante dois anos conseguiram manter-se escondidos no mato, pedem desde a permissão para trabalhar em suas próprias roças, nas sextas-feiras e nos sábados, até a liberdade de “brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos sem que nos impeça e nem seja preciso licença”. Mas eles também não querem “fazer camboas e mariscar”, e dizem ao senhor: “Quando quiser fazer camboas e mariscar, mande os seus pretos Minas”. Tratava-se de uma rebelião de crioulos, e eles estavam pouco se importando com a sorte dos “pretos minas”, nome genérico dos africanos caçados na Costa da Mina, na África Ocidental. [...]

Roberto Pompeu de Toledo, in *Veja*, 15/5/1996, pp. 52-5.

Texto 3

Três expressões de uso comum na linguagem cotidiana:

- a. “Vou-me embora pra Pasárgada.”
- b. “E agora, José?”
- c. “Agora Inês é morta.”

Texto 4

Os modos de apreciação e produção dos objetos artísticos integram a área, na perspectiva de recuperar, pelo seu estudo, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, patrimônios representativos da cultura, preservados no eixo temporal e espacial, manifestos em linguagens que detêm estatutos e códigos próprios, como a música, a pintura, a dança etc., incluindo-se aí a literatura. (PCNEM, p. 192, “Rumos e desafios”)

Texto 1

O provérbio é a designação genérica dos ditos cristalizados que exprimem, em geral metaforicamente, uma verdade ou resumem uma experiência. É uma sentença independente e de sentido completo, que direta ou indiretamente expressa um pensamento, uma experiência, uma regra, uma norma, uma advertência, um conselho. São características dos provérbios, quanto ao conteúdo, a sua formulação abstrata, isto é, não referida a nenhum caso particular, e a sua validade é universal, sem distinção de lugar e tempo.

A característica precípua dos provérbios é o anonimato da sua autoria – excetuando-se os provérbios bíblicos. É lexicalizado, isto é, dicionarizado, parte do inventário da língua. É também sintaticamente autônomo – surge no discurso sob forma canônica, cristalizada, fixa, que não muda, congelada, petrificada. É discursivamente autônomo – a sua aparição independe de uma mudança conversacional. Considerado fora do discurso, o provérbio possui um valor de verdade geral. A metáfora é uma estratégia. O provérbio é uma estratégia para se lidar com uma situação.

Já as frases feitas são dizeres, expressões comuns aos falantes de uma língua. Se ouvirmos uma dessas frases isoladamente, fora do contexto, somos capazes de recriar a situação em que se insere, como nos exemplos acima.

Texto adaptado de Ana Maria M.S. Vellasco,
in <http://www.utas.edu.au/docs/flonta/DPbooks/VELLASCO/BRASILEIRO.html>

Texto 2

Bom conselho

Ouçá um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado, quem espera
nunca alcança
Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo

Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar
Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade.

Chico Buarque de Holanda

Anexo 6

Texto 1

Da carta de Caminha:

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. [...] De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã e muito formosa. [...] Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-as aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

Texto 2

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros...

José de Alencar, *Iracema*.
São Paulo, Ática, 1992, cap. 1, p. 15.

Texto 3

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
[...]

Gonçalves Dias

Texto 4

Comunicação aqui entendida como um processo de construção de significados em que o sujeito interage socialmente, usando a língua como instrumento que o define como pessoa entre pessoas. A língua compreendida como linguagem que constrói e 'desconstrói' significados sociais. (PCNEM, p. 35 – grifo nosso)

Texto 1

Bronislaw Baczko assinala que é por meio do imaginário que se podem atingir as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades esboçam suas identidades e objetivos, detectam seus inimigos e, ainda, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasmam visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.

Dênis de Moraes, revista *Contracampo*, n. 1, julho/dezembro de 1997. Versão on-line.

Texto 2

Trechos dos PCNEM

Recuperar, pelo estudo literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial. (p. 145)

[...] toda linguagem carrega dentro de si uma visão de mundo, precha de significações que vão além do seu aspecto formal. (p. 126)

Compreender as diferenças não pelo seu 'caráter folclórico', mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos. (p. 142)

[...] o exame do caráter histórico e contextual de determinadas manifestações da linguagem pode permitir o entendimento das razões do uso, da valoração, da representatividade, dos interesses sociais colocados em jogo, das escolhas de atribuição de sentidos... (p. 126)